

ISMAEL

DITADO POR ELE MESMO



FRANCISCO LUCIANO

ISMAEL

**DITADO
Por ele mesmo**

Francisco Luciano

**A Conversão de Jefte
Por
Irmão X**

1950

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

- I - Meu primeiro encontro com Jesus
- II - Jesus fala ao coração
- III - Jesus, Guia da Humanidade
- IV - Jesus visita-nos
- V - Jesus, nosso companheiro de viagem
- VI - Jesus, Médico do corpo e da alma
- VII - Seguindo a Jesus
- VIII - Jesus em Jerusalém
- IX - A morte de Jefe
- X - “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”
- XI - A ressurreição de Jesus
- XII - A glorificação

SEGUNDA PARTE

- I - Os cristãos
- II - A partida
- III - A caminho do deserto
- IV - A viagem
- V - Jefe vem buscar seu pai
- VI - Jeziel e Mira
- VII - O centurião de Roma
- VII - Jônatas
- IX - Pai e filho
- X - A narração de Jônatas
- XI - A partida de Jeziel
- XII - Na prisão

PREFÁCIO

Sêd
e iluminados!

Aqui estou, pela graça de Deus, para dizer algo sobre as comunicações do espírito de Ismael.

Tereis oportunidade de conhecer-me através de sua mensagem. Meu nome era Jefte, na época em que o Cristo vive entre os homens. Muito aprendi, tornei-me feliz e, ainda hoje, agradeço ao Criador ter-me concedido a graça de conviver com o Mestre muito Amado.

Devo muito, ainda, ao jovem pastor Ismael, escrevo de meu pai. Vi, pelos olhos puros daquela criança, a grandeza do reino de Deus. Os sentimentos daquele espírito puro fizeram-me sentir a bondade infinita do Pai, anunciada por Jesus Cristo. Duas vezes, portanto, devo agradecer a Deus: uma, por ter conhecido o Mestre Amado e outra, por ter vivido com o jovem Ismael, espírito puro e bom, suave e meigo.

Quão doce era a companhia de Ismael! Suas palavras feriam-me os ouvidos, produzindo uma dor suave que eu gostava de sentir. Que dizer do seu amor às ovelhas, a dedicação ao trabalho, a fidelidade a meu pai, que muitas vezes o maltratou? Ismael bem merece o lugar onde se encontra.

Órfão abandonado e escravo, Ismael sofreu desde menino, e assim continuou até o fim de sua existência corporal, mas soube sofrer! Em suas comunicações, conforme vereis, procura sempre desmerecer o quanto fez, porém, bem lhe conheci o sofrimento. Logo na infância, o meu doce amiguinho muitas vezes chorava, nos meus braços, “porque era órfão e não tinha os carinhos de um pai nem de uma mãe”, costumava lamentar-se. De fato, o pobrezinho nunca os conheceu. Imaginai o sofrimento daquele coraçãozinho! Entretanto, sabia sofrer. Outras vezes, suas lágrimas eram de alegria e um riso franco e cristalino brotava em seus lábios, isso acontecia quando uma ovelhinha se aproximava, lambendo-lhe o rosto e as mãos.

Grande foi o seu amor a Jesus. Dedicou toda sua afeição ao Mestre Amado; ninguém podia querê-Lo como Ismael. E o Mestre recompensou-o - não na sua existência material, mas quando passou para o reino dos Espíritos.

Ismael, criança e jovem, foi sempre ardoroso e afetuoso, amando a todas as criaturas como Jesus ensinava que se devia amar aos semelhantes. Lembro-me, perfeitamente, de Ismael. Revejo, ainda os dias longínquos e os momentos agradáveis que passamos juntos. Quantas vezes o vi chorar pela minha incompreensão do Mestre, pois que, minha crença em Deus repousava nas leis transmitidas pelos meus antepassados. Ismael chorou muito e, com todo o afeto que lhe inundava a alma, orou, implorou a Deus a graça de iluminar-me. E o conseguiu!

Modelo de virtudes, um grande exemplo para os jovens de todas as partes do mundo, é Ismael, pela dedicação e amor às coisas divinas. Se todos os jovens, como ele, amassem a Deus e a Jesus, seria o ideal, a felicidade!

Falando, agora, do trabalho desempenhado por Ismael, quantas criaturas levou para o seio de Deus e a quantas fez compreender a graça do Servidor! Levou a termo uma tarefa que deve ser imitada por todos que desejam o bem de seus semelhantes.

Ismael cresceu forte e robusto. Suas faces eram brancas; os olhos sempre demonstravam alegria - olhos que penetravam e pareciam dizer aos que os fitavam: "vejam como eu vejo!" Sim, porque aqueles olhos grandes viram o que deve ser visto por todos os homens: a Verdade Divina, a Luz que ilumina a todos. Ismael tinha longos cabelos pretos, que contrastavam com a pureza do seu espírito.

Sua figura deve ficar gravada no coração de todos aqueles que lerem a sua história - que narra as passagens de sua vida, no tempo em que o Divino Mestre esteve entre os homens. Que possam, os que lerem este livro, ver pelos olhos e sentir com os sentimentos de Ismael, assim como eu próprio o fiz. Ismael procura mostrar quem foi realmente Jesus, como O viu, como Ele sofreu e o quanto fez pela Humanidade. Nunca é demais saber sobre Jesus; nunca é demais para o espírito procurar tornar-se melhor, seguindo-Lhe os passos.

O ideal seria que os homens possuíssem os sentimentos de Ismael, pois que, mesmo crescido, conservou a meiguice da infância e toda a ternura e suavidade para com os semelhantes, como ficou demonstrado no seu amor às ovelhinhas e, em especial, a uma delas.

Amemos, portanto, a Jesus, como amou Ismael. Suas palavras mostram, cristalinamente, quão nobres eram seus sentimentos, a suavidade, o amor, a meiguice e a sublimidade, aos seus irmãos. Ismael é um espelho que deve estar sempre à frente dos homens de todas as idades. Sua existência foi um círculo de trabalhos e sofrimentos. Quando partiu, foi ter com Jesus - que muito o amou e o amará, e a todos aqueles que forem como Ismael. E o Mestre premiou-o com a mesma ovelhinha que ele tanto quis. E eu, junto de Jesus, vi Ismael chorar, ainda uma vez. Vi-o acariciar a ovelhinha, prendê-la bem junto a si, segurá-la contra o coração e alisar-lhe o pelo macio. Nos seus olhos brilhavam lágrimas de alegria, quando Jesus fê-lo colocar a cabeça em Seus joelhos e a seguir, alisando-lhe os cabelos, enxugou-lhe as lágrimas. E Ismael ainda disse:

- Mestre! Não sou merecedor disto. Não sou...

Sêde iluminados.

São Paulo, 15 de setembro de 1945.

PRIMEIRA PARTE

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM JESUS

Descia, mansamente, sobre Jerusalém, a brisa suave espargida pelos Emissários do Criador.

Pastoreava, nessa tarde, as ovelhas de meu amo e, quando as primeiras estrelas despontaram no firmamento, recolhi-as e pus-me em demanda ao aprisco.

Chegando lá, ao contá-las, notei a falta de uma. As chibatadas que meu amo, certamente, me aplicaria, quando soubesse da ausência dessa ovelha, já se faziam sentir em meu corpo. Pressuroso e angustiado, retornei ao campo a fim de procurá-la. Procurei-a, durante alguns minutos, com opressão dentro de mim. Enfim, encontrei-a a saciar a sede num pequeno riacho.

Ajoelhei-me e, transbordante de alegria, acariciei-a e molhei-a com as minhas lágrimas. Notei, então, alguns murmúrios e vozes indistintas. Virando-me, percebi que se agrupavam ao meu redor diversas pessoas. Uma delas, acariciando meus cabelos e olhando-me com uma ternura indelével, virando-se aos demais, disse-lhes:

- “Vê de, quando o pastor possui cem ovelhas e uma delas se desgarrar, ele a procura e, ao encontrá-la, regozija-se mais por esta do que pelas noventa-e-nove que estavam salvas.”

Aquelas palavras, ditas com uma suavidade que nos enchia os sentidos de uma consolação infinita, gravaram-se profundamente em meu íntimo; e eu, retornando à casa, sentia-me leve, como que suspenso no ar; e aquele olhar, daquele que me dirigira a palavra, e toda a sua imagem estavam gravados em minha mente. Era Jesus, a quem chamavam “O Nazareno”.

Contente por ter encontrado a ovelha perdida, e depois de comer a minha ração de escravo, voltei para o meio do rebanho e, sobre uma tábua estendida no chão que me servia de cama, deitei-me.

Ainda com o pensamento voltado para Jesus, adormeci. E, então, sonhei: via-me num panorama extenso, que se perdia no infinito; era um trigal imenso, verdejante, que parecia, erguido como estava, agradecer ao Senhor a terra boa que o fizera vicejar.

Notei que inúmeras pessoas lidavam com o trigo. Então, Jesus aproximou-se de mim - sim, era Ele quem lá estava, com todos aqueles que O seguiam, pois que, reconheci então diversas pessoas que O acompanhavam, quando Ele me falara e acariciará naquele fim de tarde.

E Jesus, pousando levemente a mão sobre meu ombro, disse-me:

- “Ismael, não queres também fazer parte da minha Seara? Em verdade te digo, Ismael, que todo aquele que trabalhar nesta bendita Seara de meu Pai, entrará em Seu Reino.”

A visão desvaneceu-se e, pouco depois, eu acordava. Jubiloso, contente e pondo-me de joelhos, ergui uma prece ao Pai, que Jesus me ensinou a amar.

JESUS FALA AO CORAÇÃO

O sol, qual graça divina, parecia querer, com seus raios, invadir o nosso íntimo trazendo-nos a paz benéfica do Criador.

Foi nessa manhã clara, cujos perfumes embalsamavam o ar, que eu me sentia diferente, após ter encontrado o Messias.

Terminada a minha lida matinal, fui em procura da sombra acolhedora de alguma árvore frondosa, onde pudesse lembrar, ainda uma vez, os momentos divinos que me foram concedidos pela palavra que obtive de Jesus.

Sentia, dentro de mim, uma vontade intensa e incomensurável de encontrar, novamente, Aquele que me tocara a alma, com toda a Sua suavidade e ternura, proveniente de nosso Pai.

A minha vontade tornou-se uma realidade, pois que, avistei, assentado sobre uma pedra, não muito longe de um poço, Aquele por quem meu coração ansiava.

Aproximei-me d'Ele e o Seu olhar mais uma vez tocou-me os sentimentos, que agora se descobriam para uma luz intensa e esmagadora. Radiante, assentando-me ao Seu lado e pousando a cabeça sobre Seus joelhos, disse-Lhe:

- Senhor, como me alegra encontra-Vos novamente!

Sua voz suave, enternecedora, respondeu-me:

- **“Não menos contente estou eu, meu bom irmão; mas... não me chames mais “Senhor”, porque, no sentido pelo qual me chamaste, só deves invocar Aquele que está no Alto.”**

Perguntei-lhe, então:

- Devo chamar-vos... Mestre?

Um sorriso estampou-se-Lhe na face, respondendo-me:

- **“Podeis chamar-me Mestre, agora, porque aqui estou, pela vontade do Pai, para ensinar-vos o caminho que deveis seguir, para vos tornardes, também, Mestres como eu. Peço-vos que me chameis apenas “irmão”.**

Aquelas palavras tocaram-me profundamente e eu indaguei:

- Irmão, sinto dentro de mim uma vontade que me impele a seguir-Vos. Que devo fazer?

Sua mão pousou sobre minha cabeça, acariciou-me os cabelos, e Jesus falou-me:

- **“O que deves fazer... o próprio coração to dirá. Basta apenas que ores e, nessa oração, peças ao Pai que ilumine a tua mente, a fim de que saibas o que deves fazer. Queres seguir-me, é muito fácil: “fazei o que eu faço, fazei o que vos manda o Pai, fazei o que vos digo, porque, não sou eu quem fala, mas sim o Pai, que está em mim.” Esta vida que estás vivendo, meu bom irmão, nada representa senão um momento que Deus Está dando aos Seus filhos, para reconhecerem a Sua paternidade. Sei o quanto sofres e o quanto terás que sofrer, meu irmão, se te ligares a mim e seguires os meus passos; mas poderás estar certo de que “bem-aventurados são aqueles que sofrem e deles será o Reino de Deus.”**

Todo suavidade, Jesus ia continuar a falar-me, porém não demorou muito que Seus discípulos O cercassem e O chamassem para o seu meio.

Jesus disse-me:

- **“Vai, Ismael, não lamentes a minha partida, porque continuarei contigo e quando, mais tarde, terminada a minha missão, o Pai me chamar, ainda continuarei com todos os meus irmãos. Vai, Ismael, leva a paz de Deus em teu coração.”**

Afastou-se, depositando em mim, ainda, um olhar infinitamente doce, que embalava os sentimentos.

Vi-O afastar-se e fiquei numa grande prostração, a sentir os efeitos benéficos da Sua visão e a lembrar Suas palavras, que me transportaram a um mundo superior.

A caminho de casa, quando os raios solares começaram a enfraquecer e uma sombra acolhedora pousava sobre Jerusalém, eu caminhava, propondo-me a mim mesmo seguir a Jesus, procurá-Lo sempre, ouvir Sua palavra, para que a paz se instalasse em mim e os sofrimentos não me atingissem.

JESUS, GUIA DA HUMANIDADE

Após o meu segundo encontro com Jesus, vários dias se passaram. Habitava em mim uma paz confortadora, e os fluídos emanados de Jesus envolviam-me, acariciadoramente.

Tornava à casa de meu amo o seu filho muito amado, Jefte, após uma viagem de estudos pelas regiões vizinhas. Era Jefte o meu único companheiro, apesar da diferença de idade. Jefte procurava-me constantemente e era nele que eu encontrava alívio, nas horas de aflição.

Certa tarde, Jefte mandou chamar-me; comunica-me; comunica-me que, dentro de dois dias, partiria para Betânia, a fim de realizar negócios de seu pai. Pedira a este a permissão para que eu o acompanhasse, o que lhe foi concedido. Alegrei-me e considerei essa próxima viagem uma graça do Pai Celeste, a fim de que eu pudesse tornar a avistar-me com Jesus, pois que, por esse tempo, Ele se encontrava na cidade para a qual seguiríamos.

A brisa matinal estava perfumada e o Sol começava a despontar, quando partimos. Seguidos por alguns servos, nossa viagem não foi tão penosa e, não muito tempo depois, entrávamos em Betânia.

Depois de acomodados, enquanto Jefte saiu, a fim de tratar da sua incumbência, eu saí para ver se colhia alguma notícia sobre Jesus. Corriam, por toda a cidade, os murmúrios do “grande milagre de Jesus”, fazendo com que o espírito de Lázaro de Betânia, irmão de Marta e Maria, voltasse ao corpo que abandonara havia quatro dias. Procurei informar-me sobre o local onde poderia avistar o Mestre. Disseram-me que Jesus não se encontrava muito longe e apontaram-me a direção, que tomei.

Com muitas dificuldades, consegui atravessar a massa humana que envolvia o Messias. Assim que me aproximei d’Ele, Seu olhar pousou brandamente em mim e o meu coração exultou. Quis beijar-Lhe a mão, mas Ele não permitiu e disse-me:

- **“De que adianta beijar a matéria?”**

E Jesus continuava a caminhar, tendo atrás de Si um séquito de necessitados. e a todos Ele dirigia uma palavra de conforto, uma palavra de amor; uma palavra de fé. Aqueles que estavam perturbados, com apenas o Seu olhar, sentiam-se envolvidos por uma paz reconfortante. Eu O seguia, completamente esquecido do mundo. Para mim, apenas existia, naquele momento, Jesus, o Filho de Deus, e portador de Sua palavra aos homens.

As pessoas que seguiam o Mestre eram tantas que, pouco, eu me distanciava d’Ele. Foi quando sua mão pousou-me no ombro - era Jefte.

- Que fazes? - indagou-me, e eu respondi:

- Sigo Aquele que, enviado por Deus, está ensinando o caminho que nos levará a esse Deus.

Jefte olhou-me, espantado, contraíram-se-lhe as feições e repreendeu-me:

- Ousas chamar Enviado de Deus a um miserável carpinteiro de Nazaré, um misticador, um embusteiro? Tu és muito criança, Ismael; ainda não sabes, não compreendes a vida perfeitamente. Levado pelo ardor da mocidade, simpatizas com esse revolucionário, mas proíbo-te de tornares a procurar esse Nazareno. Deixa-o com seus

embustes e procura conhecer melhor a Lei de Moisés, que é a verdadeira. E então, sim, terás o caminho que te levará ao Deus de Ismael.

Mas Jesus, como que pressentindo o nosso diálogo, aproximou-se e, dirigindo-se a Jefte, disse-Lhe:

- **“Chamaste este jovem de criança. Poderias dizer-me, com precisão, a idade que tens?”**

Jefte respondeu-Lhe:

- Trinta e seus anos.

- **“Sim - respondeu Jesus - trinta e seis anos, vividos desde que te conheces por Jefte.”**

Ninguém compreendeu e Jefte indagou:

- Senhor, eu não te compreendo.

Jesus replicou:

- **“Ainda muito será preciso para que possas compreender; e então verás que este jovem não é tão criança como dizes e, talvez, mais velho que tu. Em verdade te digo, que haverá uma época em que todos compreenderão as palavras que acabo de dirigir-te.”**

Jefte não respondeu; estava completamente mudado, eu mesmo não o reconhecia. Senti que Jefte estava possuído de tudo que me tomara, na ocasião de meu primeiro encontro com Jesus.

A turba levou o Mestre a afastar-se de nós. Eu quis segui-Lo, porém, Jefte parecia sentir-se tão mal, que fui obrigado a acompanhá-lo à nossa hospedaria.

Não fiquei triste ao ver Jesus afastar-se, porque, uma vez, Ele já me dissera que sempre estaria comigo. E eu levava em meu coração a certeza de que Jesus havia conquistado Jefte para segui-Lo e, ao mesmo tempo, reconhecia que isso era uma grande graça de Deus, porque agora teria um companheiro de batalha, para a expansão dos ensinamentos de Jesus; e assim, mais confortado do que nunca e confiante na misericórdia do Pai, sabia que em breve tornaria a ver Jesus e tinha certeza de que Jefte o iria pedir.

JESUS VISITA-NOS

Chegados ao nosso quarto de hospedaria, Jefte procurou repousar, porque sentia que lhe faltavam as forças.

Assentei-me ao seu lado e procurei saber quais os seus sentimentos. Dei-lhe um pouco d'água e, então, falou-me:

- Não me admiro, Ismael, que o Nazareno te haja conquistado; de fato, possui um olhar estranho, um olhar que eu não sei se nos faz bem ou se nos faz mal, e Suas palavras, não nego, são de uma sabedoria inexplicável!

Entristeceram-me aquelas palavras, pois que Jefte não queria compreender a verdade, Disse-lhe, então, sobre quando me encontrei pela primeira vez com Jesus, a impressão que Seu todo me causou; contei-lhe o meu sonho e tudo o que sabia de Jesus.

Mas Jefte continuava a afirmar que o carpinteiro de Nazaré era um revolucionário, e que sabe, até, se não era Satanás quem estava nele?!

Senti vontade de chorar; ouvi-lo falar mal de Jesus era o mesmo que se me cravassem um punhal no peito.

Subitamente, ouvimos uma música e sentimos um perfume embriagador espalhar-se pelo aposento; uma luz se foi espalhando também e, pouco depois, ali estava Jesus. Jefte e eu olhávamos espantados aquela visão, que nos surpreendia e parecia impossível. Como teria Ele entrado, se a porta e as janelas estavam fechadas? Não me pude conter, as lágrimas brotaram-me e eu dei vasão ao pranto que havia em mim, porque... porque era impossível contê-lo. Jefte não chorou, mas estava - isso eu notava - completamente transformado.

Refeitos da surpresa, Jefte indagou:

- Quem sois vós? Agora não sois mais um revolucionário; usais de práticas estranhas para assustar os outros!

Jesus respondeu, em Sua humildade jamais igualada:

- “Sou teu irmão; sou, como tu, um filho do Pai que está no Céu. Vim, para trazer-vos a palavra desse Pai que tanto vos ama. Vós não me compreendeis e muitos não me compreenderão, também, até um dia em que o possais fazer, conquistando por vós mesmos a graça de compreender.”

Aquelas palavras, certamente, tocaram os sentimentos de Jefte. Como que iluminado, ajoelhou-se aos pés de Jesus e disse:

- Sim, eu compreendo; sim, Tu és o Messias.

Jesus tomou-lhe a mão e fê-lo levantar-se.

- “Nunca te ajoelhes diante da matéria” - disse-lhe.

Jesus contou-nos então o seguinte:

- “O passarinho, para fazer o seu ninho, procura uma árvore forte, um galho que possa oferecer segurança e, então, constrói aí o seu lar e o habita. Assim faz Deus, com relação aos homens. Tu és uma árvore, Jefte, mas é preciso que sejas muito forte, porque, muitas vezes, quando a tempestade se desencadeia sobre a árvore e um raio a derruba, o passarinho vê-se obrigado a procurar uma outra árvore, que seja mais forte e que esteja perfeita.”

Jefta não respondeu; seu rosto estava banhado de lágrimas, e eu também chorava... de alegria, porque, naquele momento, eu tinha a certeza de que Jefta tudo compreendera.

Jefta disse, então, a Jesus:

- Compreendo-O agora, meu irmão, e quero, quero segui-Lo, quero caminhar sobre as Suas pegadas, a fim de chegar ao Pai; permita que eu O siga.

- "Se queres chegar ao Pai - respondeu Jesus - não será tão importante, como julgas, seguir-me. Podes desempenhar os teus trabalhos e aproximar-te de Deus; é bastante que aceites os ensinamentos que vos trago, da parte de Nosso Pai, e procures segui-los e difundi-los. Assim, além de ganhares tu o Reino de Deus, também para lá de levarás outros e, então, a tua felicidade será completa. Agora preciso partir - disse Jesus - mas, partirá apenas o meu corpo, porque o meu espírito continuará convosco, embora não o vejais."

A luz foi diminuindo aos poucos e Jesus desapareceu, assim como viera, lançando-nos um último olhar e um sorriso - que para sempre ficou gravado em nossa mente.

JESUS, NOSSO COMPANHEIRO DE VIAGEM

Após a grande graça que o Senhor nos concedeu, com a magnífica visão que tivemos de Jesus que, junto a nós, nos exortou e trouxe a palavra do Pai Divino, Jefte, conquistado inteiramente pela suavidade do Cristo, quis, no dia imediato, procurá-Lo. Dizia-me, constantemente, que ansiava por vê-Lo, por ouvi-Lo, por sentir-se invadido dos Seus nobres sentimentos.

Procuramos Jesus, mas Ele já havia partido a fim de continuar a Sua missão.

Jefte resolveu, então, regressar ao lar paterno e pedir ao pai consentimento para seguir o Mestre. Pusemo-nos a caminho da morada de meu amo; uma hora após, o sol alto, Jefte deu ordem aos servos que procurassem repousar. Assim o fizeram. Ele e eu abrigamo-nos junto a uma árvore, sob a sua sombra acolhedora. E falamos de Jesus; Jefte traduzia, em suas palavras, toda a vibração de seus sentimentos e todo o amor que tinha, então, pelo Messias. Falava-me, entusiasmado, que, assim que chegasse em casa e o pai permitisse, iria à procura d'Aquele que conquistara o seu coração.

Mas, então, sentimos como... se um bálsamo confortador estivesse sendo espargido sobre nós; a natureza pareceu quedar. Então, uma voz se fez ouvir - aquela doçura e meiguice proverbial de Jesus fizeram-nos conhecer que era Ele quem nos vinha falar. Jefte procurava, por todos os lados, e a voz se fez ouvir:

- “Estás vendo, Jefte, procuras-me e não me vêes. Assim é na realidade agora, e o será sempre; embora os meus irmãos não me possam ver, devem estar certos de que estou sempre ao seu lado.”

Jefte respondeu sobre quanto aquilo o fazia feliz. Eu, como sempre, sentia-me tomado de profunda comoção e de nada me adiantava querer reter as lágrimas.

E a voz tornou a falar:

-“Jefte, vai o quanto antes ter com teu pai, que ele não se acha bem. Fica ao seu lado, tem fé, e ele será salvo. Teu pai precisa muito do teu carinho e da tua presença, que lhe faz bem. Não o abandones para seguir-me, porque poderás seguir-me onde quer que estejas, e o melhor modo de seguir-me é fazer o que eu faço: deixar tudo nas mãos do Pai.”

Jefte não respondeu mais; soluçava, pela comoção que o tomara.

Jesus falou ainda:

- “Jefte, quando de mim precisares, basta pedires ao Pai e, se tiveres fé, ajudar-te-ei no que for permitido. Jefte, continua em paz a tua viagem.”

Sentimos uma leve tristeza, quando a voz não mais se fez ouvir. Jefte então abraçou-me e, numa frase, exprimiu tudo o que sentia:

- Enfim, eu sou feliz, eu sou feliz, Ismael!

JESUS, MÉDICO DO CORPO E DA ALMA

Quando tivemos o descanso necessário, aprontamo-nos para seguir viagem. Eu, como Jefte, encontrava-me possuído de uma emoção inexplicável. Jubiloso me sentia, porque Jesus não me desamparava e, como eu Lhe pedira, em preces mentais, convertera o meu bom amigo Jefte.

Chegados que fomos à casa de meu amo, Jefte dirigiu-se prontamente ao pai. Encontrou-o, de fato, como dissera Jesus, recolhido ao leito, tomado de uma enfermidade que os médicos não conseguiam explicar. No leito, coberto por brancos lençõs, mais parecia um cadáver - magro, sem cor, causando uma triste impressão. Não tinha forças para levantar-se. Disse que, de um momento para outro, como que por encanto, sumiram-se Lhe todas as forças. Jefte beijou-lhe a testa e confortou-o, dizendo que estaria ao seu lado e confiava em Deus, para a sua cura. Retira-me do aposento; Jefte continuou ao lado do pai.

Fui ter com as minhas ovelhas. Sentia muitas saudades e, sentando-me ao chão e pondo ao colo a ovelhinha que se desgarrara, no dia em que, pela primeira vez, me encontrei com Jesus, senti-me invadido por uma brisa suave, que me envolvia; lembrava-me, então, de Jesus, via-O em minha mente e cada vez sentia-me mais atraído pela doçura de Seu olhar, pela meiguice de Suas palavras e, ainda, pela humildade de Suas ações.

Horas depois, Jefte mandou chamar-me; disse-me, então, se eu estava disposto a, junto com ele, fazer umas orações e pedir a Jesus que viesse solucionar o caso de seu pai. E assim fizemos - oramos durante alguns minutos.

Foi quando, mais uma vez, ouvimos uma música sublime - a mesma que precedeu a primeira aparição de Jesus; pouco depois, Ele se apresentava, visível aos nossos olhos, e disse:

- “Aqui estou, como desejáveis. Jefte, vai até teu pai e, em nome de Deus, ordena que as forças Lhe sejam restituídas. Tem fé e teu pai será salvo.”

Cambaleante, Jefte encaminhou-se ao aposento em que o pai se encontrava e, mentalmente, disse o que Jesus Lhe ordenara. O pai dormia, mas logo as pálpebras se Lhe abriram, começou a mover-se e uma leve coloração surgiu em suas faces. E disse ao filho:

- Jefte, sinto que as forças me voltam novamente, sinto que... que estou mais... jovem, até.

E, levantando-se, abraçou ternamente o filho. Este então trouxe-o à presença de Jesus, dizendo-lhe:

- Pai, Este é o teu salvador.

Mas o pai olhou-o, espantado e indagou:

- Este que está em tua frente.

O pai pensou que Jefte estava um tanto fora de si, porque ele apenas via ao seu filho e a mim.

Jesus, então, disse a Jefte:

- “Não é preciso que teu pai me veja, mas sim, que creia. Bem-aventurado é aquele que não vê, mas crê.”

Jefto transmitiu as palavras ao pai. Este sentiu, talvez, a influência de Jesus e acreditou realmente no que o filho lhe dizia e em que o Médico Salvador da Humanidade, Enviado de Deus, estava entre eles. E, abraçando o filho e a mim também, disse:

- Filho, creio, agora, que realmente o Messias Prometido está entre os homens.

E então ele também pôde ver a Jesus. Momento de indescritível emoção foi aquele em que o velho, com os cabelos todos brancos, quis ajoelhar-se e beijar os pés de Jesus, mas Jesus não permitiu, dizendo:

- **“Só ao Pai que está no Alto é que deveis agradecer, porque tudo que se faz, ou que não se faz, sempre é por Sua vontade.”**

E, pedindo as bênçãos do Pai para nós, desapareceu, deixando um perfume contaminando o ar e a envolver-nos.

SEGUINDO A JESUS

Após a cura operada por Jesus, pela vontade do Pai, meu amo tornou-se um verdadeiro cristão. Procurou ouvir e colher notícias, nos dias seguintes, sobre o que Jesus havia ensinado e continuava a ensinar. Propôs ao filho transformarem a enorme casa que possuíam em um abrigo para aqueles que necessitassem de carinho e trouxessem consigo alguma doença, que pudesse ser curada com zelo. E assim foi; Jefte e eu alegramo-nos imensamente com isso, porque o maior prazer consiste em dar, não em receber.

A casa transformou-se em um hospital, sim, um verdadeiro hospital, levantado pela fé e pelo amor. As criaturas, que ali procuravam um alívio para os seus sofrimentos, encontravam-no, através das palavras de Jefte que lhes pregava sobre Jesus, sobre o Reino que Ele estava anunciando. - Havia uma paz que a todos inundava. E assim foram passando os dias. Trabalhávamos de manhã até o pôr-do-sol. Jefte e seu pai tinham para com todos um amor e uma solicitude difíceis de serem igualados. Eu ajudava como podia, e era essa faina, que me tomava o dia todo, a minha maior alegria.

Embora não dormisse mais entre as minhas ovelhinhas, procurava-as, quando tinha um momento de folga. E foi numa tarde dessas, em que eu sentia uma infinita saudade de Jesus, a quem não via há muito, que O vi mais uma vez. Dessa vez, Ele não falou comigo, mas, mostrando as ovelhinhas, apontou ao coração. E então desapareceu, deixando a envolver-me o vácuo da saudade.

Mais tarde, contei a Jefte o que vira e ele, inspirado, respondeu-me:

- Ismael, Jesus, com o gesto que fez, quis demonstrar-te que devemos arrebanhar para o Seu coração o maior número possível de almas.

Sim, certamente era aquilo que Jesus quis dizer-me. Senti-me profundamente reconhecido a Deus, por mais aquela visão e aquele pedido que Jesus fazia, e prometi, a mim mesmo, fazer o possível para cumprir.

Soube, então, por um forasteiro que passara pela casa de meu amo, que no dia seguinte Jesus entraria em Jerusalém. Aquilo foi para mim, para Jefte e para meu amo, um motivo de grande alegria. Poderíamos ir até a cidade, onde nos avistaríamos com Jesus; ou, então, a graça de Deus fosse ainda maior, permitindo que Ele passasse por nossa casa. Mas os doentes que abrigávamos eram tantos, que Jefte e seu pai não queriam abandoná-los, pois outro não os substituirá. E então disseram-me que fosse eu, que falasse ao Messias e pedisse, se possível fosse, que Ele viesse visitar-nos.

Exultei - aquilo era para mim uma graça da qual não era merecedor, mas, no dia seguinte, muito antes do sol nascer, pus-me a caminho da cidade.

JESUS EM JERUSALÉM

A cidade regurgitava. Todos aqueles que haviam sido beneficiados pelo Mestre e os que reconheciam n'Ele o Messias, Enviado de Deus, agrupavam-se, espalhavam-se pelas ruas de Jerusalém, cantando as glórias do Senhor.

Jesus entrou na cidade, humildemente, como já Lhe era proverbial. E muitos, segundo conversas e diálogos que surpreendi, admiravam-se de que Jesus não entrasse na cidade luxuosamente vestido e transportado, assim como o eram Herodes, Pilatos e, enfim, os fariseus e todos os grandes daquele tempo. Jesus decepcionou as expectativas; com aquela Sua humildade, jamais igualada, Ele penetrou na cidade, montado em um pequeno burrinho e seguido pelos discípulos e pela turba, que clamava em altas vozes o Seu nome.

Misturando-me àquela massa compacta de criaturas, procurei achar-me a Jesus e ouvi quando Simão Lhe perguntou:

- Mestre, não Vos alegrais com essa recepção tão majestosa, que estais tendo?

Jesus respondeu:

- **“Simão, antes de ofertarem-me essas honras, elas deveriam ser oferecidas Àquele que me enviou; e eu ofereço tudo isto a Ele, pois só Ele merece - eu e todos nada merecemos.”**

Simão admirou-se; aquela humildade do Mestre faria uma pedra verter lágrimas.

Mais tarde, Jesus disse a um dos Seus discípulos:

- **“Em verdade, em verdade vos digo, que essas mesmas criaturas, que ora cantam louvores, amanhã cantar-me-ão desgraça.”**

Ninguém compreendeu aquelas palavras de Jesus, ao que Simão perguntou:

- Mestre, eu não compreendi o que dissestes.

- **“Simão - respondeu Jesus - nem tudo é necessário que se compreenda, na ocasião. Verás que, quando o Pai julgar que é tempo, então tu e os demais compreenderão.”**

E, assim, Jesus caminhava através da cidade; os mantos eram inúmeros por onde Jesus devia passar, e ali eram colocados para que Ele os pisasse, e muitas vezes Jesus pedia aos discípulos que os tirassem. Caminhando sempre, Jesus distribuía olhares confortadores, bênçãos consoladoras, palavras afetuosas. E todos cantavam, sempre mais alto: - “Hosana ao Filho de Davi!”

Aos poucos, fui-me distanciando de Jesus. Tinha que voltar a casa e, então, com muita dificuldade e depois de longo tempo, consegui atravessar a multidão. A caminho, ia radiante, porque ver a Jesus era para mim a suprema felicidade.

E, quando o sol começava a esconder-se, chequei. Jefte e seu pai esperavam-me ansiosos. Contei-lhes tudo o que vi e ouvi.

E eles, abraçando-me e erguendo os olhos para o Alto, agradeceram a Deus.

A MORTE DE JEFTE

Dias após minha ida a Jerusalém, quando da entrada de Jesus nesta cidade, soubemos que o Messias sido traído por um dos Seus discípulos, e fora aprisionado. Levado à presença de Caifás e de Herodes, foi depois conduzido à Pilatos.

Jefte, ao saber do que estava se passando, foi como se lhe tivessem transpassado o coração, com uma lança. Eu senti o mesmo e creio que o pai de Jefte também.

Jefte e eu tomamos, então, o rumo da cidade.

Naquele dia, por ocasião das festas da Páscoa, como era costume, um prisioneiro seria solto. Muito antes que isso se desse, a multidão apinhava-se sobre os muros da cidade, sobre as casas e amontoava-se pelas ruas. Os sacerdotes e fariseus, que desejavam a morte de Jesus, encarregavam-se de infundir entre o povo o ódio contra o Enviado de Deus e compravam-no, para que clamasse pela condenação do Mestre.

E quando alguns já começavam a clamar, estando eu e Jefte naquele meio, este, revoltado com tanta hipocrisia, disse-lhes:

- Que mal fez o homem do qual desejais a morte?

E as respostas sucederam-se; mistificador, revolucionário e outros tantos qualificativos, que atribuíram a Jesus, fizeram com que Jefte, num ímpeto que não pôde conter, se atirasse sobre eles; e todos então jogaram-se sobre o meu amigo. Gritavam, dizendo:

- Morte, morte ao defensor do Nazareno! - E um deles apunhalou-o.

Então, algumas outras pessoas ajudaram-me a tirar Jefte dali. Carregamo-lo até fora da cidade, a salvo da turba. Tentei secar o sangue que vertia de Jefte, mas era tanto que não consegui. E ele ainda pôde balbuciar:

- Ismael, meu bom Ismael, morro feliz, porque morro por Jesus.

Agarrei-me a ele, não importava que o seu sangue me encharcasse. E eu consolava-me, porque sentia que também seria feliz, se pudesse morrer por Jesus.

Quando chegamos em casa, o pai de meu amigo não se conteve, mas, quando lhe disse as últimas palavras de seu filho querido, sentiu-se consolado e não chorou mais. Perdíamos um companheiro valoroso de batalha, mas aquela perda fazia com que o nosso próprio valor aumentasse, convocando-nos para que não esmorecêssemos nas lutas, que certamente ainda teríamos que enfrentar.

Oramos, pedindo ao Pai que desse ao espírito de Jefte o prêmio que ele merecia. E sentimos como que... a sua voz, que vinha não sei de onde, que dizia:

- Estou bem, estou bem; continuai a erguer o edifício que Jesus iniciou; não retrocedais.

E, mais uma vez, pedimos a Deus para que desse paz àquele que soube seguir o caminho traçado por Jesus.

“PAI, PERDOA-LHES PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM”

A turba, instigada, pediu a soltura de Barrabás, um terrível criminoso, e a condenação do Filho do Homem.

Jerusalém era então um mar de clamores, um mar que corria, velozmente, para o castigo.

Jesus foi flagelado. A multidão regozijava-se com aquilo. Alegravam-se, porque julgavam eliminar um embusteiro. Fizeram a Jesus as maiores ofensas, que Ele suportava, oferecendo a Deus todo aquele Seu sofrimento. No Seu olhar não havia ódio para com aqueles que O atormentavam; surpreendia-se, isso sim, lágrimas de perdão e de amor aos Seus irmãos.

Colocaram sobre a Sua cabeça uma coroa de espinhos e uns voltavam-se para os outros, dizendo: - Eis que o Rei está coroadado.

E o sangue, que Lhe vertia da testa, misturava-se com as Suas lágrimas. E Jesus suportava tudo, como se nada estivesse acontecendo, e havia paz em Si, que o Seu olhar deixava transparecer.

E, na sexta feira, Jesus subia o Gólgota, com o pesado madeiro, que serviria para o Seu sacrifício, às costas. A multidão ajuntava-se nas ruas e mais eram aqueles que riam e que injuriavam o Mestre, do que aqueles que, reconhecendo n’Ele o Enviado do Senhor, choravam. Com o sangue a escorrer-Lhe pelas faces, misturando-se com o suor e com as lágrimas, Jesus, várias vezes, tombou de cansaço. E alguns diziam: - Então, esse é o Filho de Deus? E por que Seu Pai não o salva? - E gargalhavam.

Chegado ao alto do monte, foi preparado o sacrifício. Depois de pregado à cruz, esta foi erguida entre outras duas, onde estavam dois ladrões. E muitos diziam: - É merecido o castigo do embusteiro; bem merece estar Ele entre dois ladrões, porque roubou o nome do Messias Prometido.

Quis aproximar-me de onde se achava levantada a cruz, mas os guardas não o permitiram e assim tive que ficar muito distante. O que presenciara fez com que, dentro de mim, palpitasse ódio mortal, contra todos aqueles que se levantaram contra Jesus. E em certo momento tive ímpeto de gritar, de amaldiçoar a todos e correr pra onde estava a cruz, derrubá-la e tirar o Mestre dali; revoltava-me contra a turba.

Eu já estava disposto a isso, quando uma voz veio ao meu ouvido:

- “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.”

Tive que pensar de outra forma e perdoar a todos. Eu, perdoar? Sim, não tinha esse direito, mas devia fazê-lo porque Jesus a todos perdoou e pedia ao Pai que os perdoasse, também.

Quando Jesus deu o último suspiro - creio que foi assim porque se fizeram trevas - a multidão começou a dispersar-se e, à vista do que estava se passando, dizia: - “Este era realmente o Filho de Deus.” - E eu, exausto, deixei-me ficar onde estava. Ali cai, chorando e adormeci.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Quando acordei, esfreguei intensamente os olhos. Via, em volta de mim, grandes fendas. Ao meu redor estava tudo aberto, só o local onde me deitara fora poupado. Levantei-me e avistei, ao longe, a cruz, onde o sacrifício de Jesus fora consumado. Ali Ele já não estava e por toda parte havia rupturas na terra e, aqui e ali, corpos que se haviam despenhado naquelas fendas. Eu não pude compreender por que fora preservado, mas, imediatamente, reconheci nisso a mão de Deus e a Ele agradei.

Com muito sacrifício e dando longas voltas, consegui atravessar aqueles buracos; achei-me até a cruz. Chegando bem perto, beijei-a, chorei e, levantando a cabeça, vi, naquela cruz, não Jesus como O vira pouco antes, mas Jesus completamente diferente, aureolado de uma luz divina, de vestes alvas como as nuvens num dia claro; e Ele, mais uma vez, fitou-me, com aquele olhar que prendia, com aquele olhar que nos transportava a uma esfera bastante elevada. E seus lábios rosados se abriram para pronunciar;

- “Não chores, Ismael, que ainda por quarenta dias estarei entre os meus irmãos.”

Abaixei a cabeça, para enxugar as lágrimas com minhas vestes, e, quando a levantei, apenas a Cruz nua estava diante de meus olhos.

Nada mais tinha a fazer na cidade. O Mestre fora condenado e levado à morte, pela inveja, pelo orgulho, pela ambição, pela maldade dos homens. Então, pus-me em direção de casa; atravessando as ruas da cidade, notava-se uma grande agitação e alguns ainda diziam, em sussurro, aos outros: “Ele era verdadeiramente o Filho de Deus”.

Havia muitos, pela cidade, que choravam e lamentavam a morte do Mestre e mesmo daqueles que O sucederam, quando o terremoto que sobreveio à Sua morte. A cidade apresentava um aspecto sombrio, janelas e portas fechadas, poucos pela rua, porque alguns ainda temiam que o Mestre se vingasse. E assim me dirigia para casa.

Sentia que me faltava algo; Jesus, Jefte... quando iria reunir-me a eles? Isso só competia a Deus. E eu caminhava triste, mas subitamente alegre-me, alegre-me porque eu não via, mas sentia: Jesus e Jefte caminhavam ao meu lado.

Fui encontrar o pai de Jefte desolado, entregue inteiramente a cuidar dos pobres sofredores e doentes que vinham ter àquela casa: uma das obras que Jesus deixou. Sim, porque foi Ele a inspiração para aquilo tudo. O pai de Jefte e todos os doentes oravam e pediam a proteção de Deus e o perdão pela condenação de Seu Filho.

Na manhã do primeiro dia da semana, quando me dirigia à cidade, a fim de buscar mantimentos e outras coisas necessárias, fui surpreendido pela nova de que o Mestre ressuscitará. Diziam que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, quando foram ao sepulcro, em que jazia o corpo do Mestre, ali não O encontraram. Ouvi também dizer que os soldados que guardavam o corpo de Jesus afirmavam que, quando foram tomados pelo sono, devido ao cansaço, alguns discípulos ali haviam ido ter para roubar o corpo do Mestre, a fim de espalharem a Sua ressurreição.

Fui ter com Maria, mãe de Tiago, a fim de saber o certo, pois me alegrava aquela nova. E ela informou-me que, de fato, Jesus ressuscitara, que ela e Maria Madalena foram até lá e, não O encontrando, viram anjos que as avisaram da ressurreição; que elas, saindo, a fim de irem ter com os discípulos e participar-lhes a boa nova, Jesus apareceu-lhes,

dizendo-lhes que fossem e dissessem aos discípulos que reunidos O aguardassem, que Ele iria ter com eles.

Não sei explicar a alegria que senti, ao certificar-me de que Jesus, como havia prometido, ressuscitara. Então, em carreira desabalada, dirigi-me para casa, alegre, contente, radiante, dizendo a todos que encontrava: - O Mestre ressuscitou!

A GLORIFICAÇÃO

O pai de Jefte alegrou-se imensamente com a nova que lhe levei. Os nossos queridos doentes também manifestaram a sua alegria. Continuávamos a empregar todas as nossas forças, para aliviar aqueles pobres necessitados que nos aumentava, mas confiávamos em que a misericórdia de Deus sempre nos ajudasse.

Certa manhã, o pai de Jefte mandou que eu fosse à cidade e procurasse saber algo de Jesus. As criaturas que continuávamos a receber nos traziam notícias, que, no entanto, deixavam a desejar. Falavam vagamente a respeito das muitas vezes em que Jesus estava aparecendo aos Seus discípulos. Fui então à cidade.

Aquele ambiente mostrava-se agora temeroso, pouca gente saía à rua. Os mercadores queixavam-se de que não apareciam fregueses, e os ambulantes perambulavam de casa em casa, e a pessoa que vinha abrir mostrava-se receosa; temiam que a qualquer momento Jesus lhes aparecesse para vingar-se, uma vez que haviam clamado pela Sua condenação.

Mais uma vez fui ter com Maria, mãe de Tiago. Ela, que estava ao par das últimas aparições do Mestre, contou-me da Sua primeira aparição aos discípulos reunidos, quando estes choravam e riam, sem saber o que fazer para demonstrar o seu amor por Jesus. E mais uma vez Jesus apareceu entre eles, e um deles, que na ocasião da primeira aparição não estivera presente e até ali não acreditava, colocou as suas mãos nas de Jesus, sentindo-Lhes as chagas.

Jesus apareceu ainda a dois discípulos na estrada de Emaús. Com eles repartiu o pão que possuía, comeu e bebeu. E os dois Lhe falavam das últimas ocorrências naquela cidade, sem saberem que se tratava do próprio Jesus, e Este, dando-Se a conhecer, desapareceu.

Mais uma vez, Jesus apareceu junto à praia, onde Simão e os filhos de Zebedeu pescavam, e, como estes nada conseguissem, Jesus, sem se deixar reconhecer, mandou que atirassem a rede e, quando a recolheram, ali havia um número infinito de peixes. E Jesus com eles comeu os peixes, que foram assados num fogo que Ele mesmo preparara. E João, o discípulo amado, foi quem O reconheceu.

E assim Jesus aparecia aos Seus discípulos, continuava a ensinar-lhes, pregava-lhes e indicava o rumo que deviam seguir.

Por fim, Maria informou-me que Jesus ia para a Galileia. Lá estaria no quadragésimo dia depois da Sua ressurreição.

Agradei-lhe e saí. Voltando para casa, contei o que soubera ao pai de Jefte. Eis quando sentimos que algo pairava no ar... uma luz em forma oval surgiu em nossa frente - ali estava o Mestre muito amado. Chamou-nos para bem perto d'Ele e disse:

- “Meus irmãos, o Reino de Deus está preparado para vós. Trabalhai para o merecerdes. É meu desejo que todos os irmãos estejam comigo, agora e sempre, que eu estarei também convosco até a consumação do mundo.”

A Sua mão tocou-nos de leve a cabeça e Ele disse:

- “Que Deus abençoe todos os meus irmãos.”

E a luz foi diminuindo, diminuindo... até desaparecer.

Quando se aproximava o dia em que Maria me informara que Jesus estaria na Galileia, com autorização do pai de Jefte para lá segui. A caminhada era longa, mas ver o Mestre compensava qualquer sacrifício.

Ao chegar lá, notei que a cidade se encontrava bastante agitada. Perguntei o que havia e informaram-me que Jesus, em um monte, tendo em volta os Seus discípulos e milhares de fiéis, pregava-lhes, ensinando o que deviam fazer para entrar no Reino de Deus. Apontaram-me o local. Fui para lá.

Espetáculo majestoso, indescritível! Jamais meus olhos presenciarão uma apoteose eloquente, magnífica, divina, verdadeiramente sublime como aquela: aqueles fiéis ao redor do Mestre; Jesus e os discípulos; e a Sua voz, que era um hino, ecoava pela extensão e todos tinham nos ouvidos as Suas palavras. Ele prometia aos Seus irmãos que estaria sempre com eles.

Eis que o panorama pareceu se transformar: uma música que todos ouviam e não sabiam de onde vinha... O céu estava no auge do esplendor, as nuvens eram alvas e os reflexos do sol as faziam brilhar. E Jesus, abençoando a todos, foi-se elevando, elevando, até desaparecer. Jamais ente algum presenciara um espetáculo tão grande, tão sublime e divino na sua essência. E todos, em coro, cantavam: - "Aleluia ao Filho de Deus!"

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

OS CRISTÃOS

Após a ascensão gloriosa do Mestre, aqueles que procuravam observar os Seus ensinamentos e seguir a rota que Ele iniciara receberam, mais tarde, o nome de cristãos.

Eu e o pai de Jefte tornamo-nos fervorosos adeptos do Cristo. Ele nos conquistara inteiramente.

Continuavam, no entanto, os fariseus, os sacerdotes e muitos homens do povo a sua campanha contra o Cristianismo, que começava a florescer.

O pai de Jefte era todo suavidade, carinho, desvelo, para com os doentes que foram acolhidos na sua enorme casa. Mais do que antes, nós trabalhamos com todo o nosso amor e empregando todo o nosso esforço, para suavizar as dores daqueles infelizes, mas constatávamos sempre que maior era a dor moral do que a física. e o pai de Jefte, com as suas palavras, conseguia abrandar essa dor. Aumentava, dia a dia, o número de necessitados que acolhíamos e todos aceitavam o Cristo como doce Consolador de suas vidas.

Aconteceu que um desses, que tudo recebera na casa do pai de Jefte, não aceitando o Cristo como Messias Prometido e trazendo na mente as ideias de que Ele era um revolucionário, um mistificador e outras tantas coisas, ao sair de lá, foi ter com alguns homens da lei que, por aquele tempo, procuravam, de todas as maneiras, extinguir, apagar os rastros que Jesus deixara. Contou-lhes o que vira na casa do pai de Jefte e expôs o que ele ensinava, procurando fazer com que os homens que ali iam ter seguissem o Mestre.

Não demorou, portanto, que um Príncipe do Sinédrio viesse ter em nossa casa; chamava-se Rubens. O pai de Jefte recebeu-o amavelmente. Ele passou, indiferente, por entre aqueles homens, alojados da melhor maneira possível. O pai de Jefte levou-o a uma sala, onde poderiam conversar. O príncipe admirou-se, ao ver que em todas as dependências da casa havia camas onde repousavam os nossos doentes, e perguntou se não havia um lugar onde pudessem conversar em particular. Naturalmente, o pai de Jefte respondeu que não, mas o príncipe não concordou em conversar na presença de outros e pediu-lhes que o acompanhasse até a porta e lá falariam, sem a presença de terceiros. Durante longo tempo ficaram eles a conversar. Eu continuei o meu trabalho.

Quando o pai de Jefte voltou, seu semblante estava triste; vinha de cabeça baixa e eu perguntei-lhe o que havia. Disse que não era nada e, como alguns doentes o reclamassem, foi para junto deles, alegre, como se nada houvera sucedido, continuando na sua maneira habitual de tratá-los. Assim passou-se o dia. Altas horas da noite, ainda cuidávamos de alguns doentes. Depois, o pai de Jefte disse-me que fosse deitar, enquanto ele continuava vigiando. Sempre fazíamos assim: nos revezávamos durante um certo tempo, pois, se um doente precisasse de alguma coisa, era necessário alguém para atendê-lo. Eu não estava com sono, tendo ele insistido para que eu fosse ao menos descansar; não quis, ele também não tinha sono nem estava cansado.

Estávamos preocupados com a visita que tivéramos naquele dia: o pai de Jefte, com as inquietações que aquela visita lhe trouxera, e eu, curioso por saber qual o seu fim. Quando vi que ele estava um pouco melhor, depois de conversar a respeito do nosso trabalho, arrisquei a pergunta:

- Que veio fazer aquele príncipe do Sinédrio, aqui?

Ele não respondeu.

- Algo de mau? - indaguei.

Ele disse então:

- O mal, meu caro Ismael, é sermos cristãos.

A PARTIDA

Quando o pai de Jefte me disse aquelas palavras: “que o mal era sermos cristãos”, não compreendi.

- Por que seria um mal ser cristão? - foi o que perguntei e ele, colocando o seu braço no meu ombro e fazendo-me chegar a ele, disse:

- O príncipe do Sinédrio que aqui esteve, como é meu amigo, veio avisar-me que devemos acabar com isto aqui; que não devemos continuar a receber esses necessitados e espalhar entre eles a semente cristã, ou, então, que procuremos um outro lugar. Vês, meu bom Ismael, não podemos mais continuar este nosso trabalho, porém, sinto que não poderei deixar de falar a todos do Mestre Divino. Devemos partir, Ismael; continuaremos o nosso trabalho, o lugar pouco importa, contanto que ele possa servir para a grandeza do Reino que Jesus Cristo nos veio trazer.

Não sei bem o que senti. Era uma amargura ter que abandonar aquela terra que amava, onde conhecera Jesus, onde O vira tantas vezes, aqueles lugares que me traziam recordações doces do Mestre bem-amado! Disse-me ainda o pai de Jefte:

- Não podemos desanimar. Continuaremos sempre, fazendo tudo para infundir no coração de todos o amor a Deus e a Jesus. Calar é impossível. Abandonaremos esta casa, mas continuará ela a ser o que é: um hospital; apenas, outros dela tomarão conta, à sua maneira, naturalmente.

Jovem, ardente, repliquei:

- Mas, se partirmos estaremos desanimados; devemos continuar aqui e combater aqueles que quiserem tomar o que é nosso. - Ao que ele respondeu:

- Nós não temos nada, Ismael. O que é que vamos defender? Nós temos apenas a Deus e a Ele devemos nos entregar. Se aqui ficarmos, eles aqui virão e, naturalmente, maltratarão a todos e talvez venham até a pôr fogo nesta casa, pondo um fim a tudo. E, se partirmos, ainda nos restará o consolo de saber que ela ainda acolherá necessitados.

Compreendi que ele tinha razão.

A manhã seguinte assemelhava-se ao dia em que eu fora a Betânia em companhia de Jefte, quando lá estivéramos com Jesus. Tomando de profunda melancolia, fui ter com as minhas ovelhinhas, sentei-me entre elas e comecei a recordar... A imagem de Jesus estava perfeita em minha mente. lembrei-me quando encontrei a ovelhinha desgarrada e Ele me alisou os cabelos, naquele dia; depois junto ao poço, quando a minha cabeça esteve sobre os Seus joelhos. E tudo mais eu recordava, com uma saudade infinita e um pranto que retinha dentro de mim, que me fazia muita mal. Acariciei, uma por uma, as minhas ovelhinhas e, quando cheguei à última, não me contive. Não sei quanto tempo fiquei estirado ao chão, com o pranto a banhar-me o rosto, levantando a cabeça, aos poucos... As sandálias... notei, porém, que alguém estava junto de mim. Era... era Jefte. Levantei bem a cabeça. Jefte, Jefte - era ele quem estava ali ao meu lado.

- Jefte - indaguei - temos que partir?

Disse-me ele então:

- Tudo é feito pela vontade de Deus. Não deveis temer, Ismael. Deveis partir, o vosso trabalho será sempre eficaz. - E desapareceu.

Fiz uma prece ao Criador; agora estava confiante. Sim, devíamos partir, devíamos partir, essa era a vontade de Deus.

Poucos dias depois, deixando tudo na melhor ordem possível, eu e o pai de Jefte pusemo-nos a caminho.

- Para onde vamos? - indaguei. Ao que ele respondeu:
- Para onde Deus quiser, Ismael.

A CAMINHO DO DESERTO

Na nossa longa caminhada, fizemos paradeiro em diversas cidades. Estivemos em Betânia e fomos até a casa de Maria e Marta, irmãs de Lázaro, que Cristo ressuscitara. Encontramo-los completamente desolados; o golpe profundo que receberam ainda muito doía, mas, quando lhes falei da Ascensão do Mestre, mostraram-se bastante consolados e Maria disse-me:

- Nós sabíamos que o Mestre ressuscitara, sabíamos também da Sua subida aos Céus, mas, se ainda hoje estamos chorando, choramos pelo nosso povo que não soube compreender o Enviado Divino e pela ruína que a Palestina há de sofrer, ruína essa que será ocasionada pelo próprio povo. Soubemos, também, do trabalho verdadeiramente árduo e eficaz das criaturas inteiramente dedicadas ao Cristo. Estivemos por muitos lugares onde Jesus esteve e as recordações nos trouxeram lágrimas aos olhos.

Deixamos a casa de Lázaro, depois de uma longa estada ali. Seguimos até Belém, o lugar onde o Mestre havia nascido, e visitamos o estábulo onde o Filho de Deus encarnou entre os homens. E não podíamos deixar de orar e agradecer a Deus a Sua bondade infinita para com os homens, que a não mereciam.

Ficamos alojados em casa de um ferreiro, de nome Ananias, que fora muito amigo de Jefte, conhecendo-o quando este costumava fazer suas viagens de estudo. Entristeceu-se muito quando contamos o que houvera sucedido a Jefte, mas mostrou-se conformado e disse:

- Ele deve ser bem mais feliz do que nós, ao lado daquele por quem morreu.

Durante a nossa permanência nessa casa, tratamos do que tínhamos a fazer no futuro, conferenciando com Ananias, muito bom conselheiro e, mais ainda, fervoroso cristão.

- Se estivésseis - disse ele - dispostos a guardar os vossos sentimentos só para vós mesmos, poderíeis ficar em qualquer parte; mas, se pretendeis fazer, como estão fazendo os apóstolos, a propagação da doutrina que Jesus trouxe aos homens, muito tereis que sofrer, como eles estão sofrendo. Os fariseus cada vez odeiam mais os adeptos do Cristianismo, pois que os apóstolos continuam a operar milagres e o seu ânimo jamais se abate; eles conseguem, espalhando-se, levar os seus conhecimentos àqueles que necessitam. Mesmo assim os homens da lei os perseguem e a todos aqueles que aderem à sua doutrina e preparam, para esses suplícios, torturas e a própria morte.

O pai de Jefte respondeu:

- Nós não tememos a morte. Tememos que o nosso trabalho seja muito pequeno, para a grandeza de Deus.

Ananias disse-nos, então, que reconhecia em nós o mesmo ânimo dos apóstolos do Cristo. Disse-nos que era enorme a leva daqueles que começavam a aderir à doutrina do Cristo, seguindo para o deserto, a fim de fazerem penitência e aumentarem os seus conhecimentos. Disse-nos ainda:

- Vós, com que sabeis, muito podeis fazer àqueles que não sabem tanto quanto vós. Alegra-me-ia se pudesse seguir, também, mas tenho a minha família e não posso abandoná-la. Os meus filhos já amam, tanto quanto eu, a Jesus, e não me importo se um dia, sentindo-se felizes, sigam a Jesus e morram por Ele. Agora ainda são menores e não posso levá-los comigo nem os abandonar, mas, educando-os cristãmente, confio em Deus que muito farão por Ele.

Agradecemos sinceramente a Ananias. Na noite daquele dia, nós e a sua família, todos reunidos, fizemos preces ardentes ao Criador e pedimos a Jesus que estivesse sempre conosco, que nos amparasse se resvalássemos; e agradecemos porque tínhamos a certeza de que, naquele momento, Ele estava conosco e, como dissera, estaria sempre, não só conosco, mas com todos os homens, através dos séculos.

Na manhã seguinte, eu e o pai de Jefe seguimos viagem. Estávamos, então, a caminho do deserto.

A VIAGEM

Após a nossa estada na casa do ferreiro Ananias, procuramos o caminho que nos levaria ao deserto. Propusemo-nos a nós mesmos aumentar os nossos conhecimentos e orar, pedindo a Deus que nos desse sempre mais forças, para vencer o materialismo e aqueles que eram contra Jesus Cristo, o Redentor.

Ainda não havíamos transposto os limites da Palestina, quando um companheiro se juntou a nós. Seu nome era Jeziel - moço, bastante forte e verdadeiro discípulo do Cristo. Vinha ele fugindo de Jerusalém, onde seu pai era senador. Contou-nos a sua história:

Voltando de Roma, onde fora estudar, e chegando a Jerusalém na época em que Cristo andava pelas ruas a curar os doentes, a amparar os necessitados, a ensinar aos homens uma nova vida, escortinando-lhes o panorama do Reino de Deus, teve um encontro com a turba, que seguia pelas ruas atrás do Mestre. Perguntando a um daqueles homens o que havia, este respondeu-lhe:

- Vão atrás de um homem, que se chama "O Nazareno", se intitula um Profeta, e vem fazer previsões e quer nos conduzir a um seu "Reino de Meu Pai". Mas nós - continuou ele - acreditamos que se trate de Satanás encarnado.

Jeziel disse-nos que ficara bastante curioso e procurara chegar-se ao Nazareno. Disse-nos que Jesus, como que pressentindo sua ânsia de falar-lhe, parou e, virando-Se, disse aos homens que estavam ao Seu redor:

- **"Deixai que aquele que está entre vós e quer vir a mim, venha"** - Todos olharam-se espantados e abriram alas. Disse Jeziel que o olhar de Jesus se chocou com o seu e Jesus disse: - **"Vem, se queres."**

Jeziel aproximou-se. Sua cabeça turbilhonava; ele não podia coordenar os pensamentos, quando Jesus lhe disse:

- **"Dize-me, o que pensas de mim?"**

Jeziel disse que estava bastante perturbado e não sabia como responder, mas conseguiu, num esforço supremo, falar:

- É a primeira vez que o vejo, senhor. Que posso pensar de vós senão o que outros me disseram?

- **"E o que te disseram?"**

Jeziel abaixou a cabeça e Jesus, penetrando-lhe o pensamento, disse:

- **"Não te envergonhes de pensares de uma pessoa o que outros te disseram, mas envergonha-te de os haveres aceito. Nunca deves julgar o que não te foi dado ver, ouvir ou sentir por ti mesmo. E mesmo quando vires, sentires ou ouvires, envergonha-te se julgares."**

Jeziel disse que não sabia o que fazer. Sentia vontade de fugir, esconder-se, porque estava bastante envergonhado e aquelas palavras do Mestre penetrara-lhe o coração.

- **"Mas valor é dado - continuou Jesus - ao pecador que se arrepende, do que àquele que nunca teve pecado. De maneira que, procura sempre, quando pecares, de qualquer forma, arrepender-te, porque só assim a tua consciência estará tranquila e só assim estarás na graça de Deus. Agora, que me viste, o que pensas de mim?"**

- Senhor - respondeu Jeziel - eu não penso, eu tenho certeza de que és o Messias, que tanto esperávamos!

Jesus respondeu:

- **"Bem-aventurado sejas tu, porque és digno do Pai que tens."**

E Jeziel, daquele dia em diante, procurou acompanhar a Jesus e ouvi-Lo constantemente. Inevitavelmente, o pai, que era um seguidor da lei e um perseguidor de Jesus, proibiu-o de novamente ver o Mestre. Jeziel disse que não era possível e o pai lhe respondeu:

- Ou eu, ou o Nazareno.

E Jeziel, naturalmente, escolheu este último. O pai ainda disse:

- Vai-te, porque me envergonho de ti. Vai-te para longe, porque, apesar de tudo, és o meu sangue e muito me doeria mandar matar-te, se bem que é isso o que me dita a consciência, pelo que me ensinaram os meus antepassados e porque agora estás desonrando o nosso Deus, único e verdadeiro.

E assim, Jeziel abandonou a casa do pai e, como milhares de outros, rumava ao deserto. Ali, tínhamos a certeza de encontrar verdadeiros irmãos, irmãos fiéis, e, unidos todos, procurar infundir nos outros a fé e fazê-los merecedores da tão grande graça que possuíamos, isto é: conhecer e compreender o Filho de Deus.

Depois de muitos dias, chegamos, enfim, ao ponto final de nossa viagem; certamente, Deus nos ajudara e Jesus estivera conosco. E então, ao chegar, oramos e agradecemos a Deus, na pequenina tenda que erguemos, entre as inúmeras outras, que se estendiam por toda a planície. E, orando, começamos a sentir algo, ou antes, um grande, um delicioso bem-estar, e parecia-nos ver Jesus a abençoar-nos.

JEFTE VEM BUSCAR SEU PAI

A permanência no deserto foi bastante proveitosa para nós. Aquela multidão, que ali se aglomerava, procurava, com o que sabia, ajudar aos outros, orar e projetar para o futuro a sua senda de trabalho e propagação da fé. Existiam muitos oradores e havia um que se sobressaía entre todos - era certamente um espírito muito elevado e superior aos que ali estavam. Suas palavras, vibrantes e calorosas, como são as dos espíritos moços, traziam-nos um grande bem-estar; falava com eloquência e sabia conquistar a todos com palavras certas, verdadeiras, firmes e fervorosas.

Constantemente, em conjunto, todos orávamos, pedindo a Deus que nos iluminasse e a Jesus que nos amparasse. Indescritível era o panorama que se via ali: homens vindos de todos os lugares, homens que possuíam credos diferentes e então unidos por um único; e cada um, por sua vez, expandia as suas ideias, umas maiores do que as outras, que podiam trazer mais benefícios aos necessitados, mas todas formando, também, uma só.

Jeziel, o nosso companheiro, era igualmente um grande orador e suas palavras eram conquistadoras. O pai de Jefte procurava falar e aconselhar os mais jovens, com a sua grande experiência.

Infelizmente, algo veio a suceder que durante algum tempo nos pôs muito tristes: o pai de Jefte - depois de um certo tempo e de muito já ter feito, em prol daqueles a quem os seus conselhos e ensinamentos muito valeram - foi atacado de uma moléstia, que o fez recolher-se à sua esteira. Todos ali estávamos unidos, era a nossa grande cidade - uma cidade onde todos eram irmãos e, por isso mesmo, ajudavam-se mutuamente, sem restrições. Todos vieram oferecer o seu auxílio, os seus préstimos ao pai de Jefte, mas o Senhor, na Sua infinita sabedoria, havia determinado que ele já trabalhara muito, e era hora de receber o prêmio - prêmio digno de um trabalhador de escol, como sempre o foi.

Certo dia, quando o sol já se havia escondido e o céu estava escuro, eu e Jeziel vigiávamos o pai de Jefte, que se encontrava bastante mal. Ele chamou-nos e pôde então dizer algumas palavras:

- Meus filhos - disse - é preciso que continueis a tarefa iniciada por Jesus, O senhor não quer que aqui eu continue mais; certamente, Ele me reserva um novo campo de trabalho, onde possa melhor servir, de acordo com as minhas capacidades. A tarefa é bastante árdua, meus filhos, isso eu bem sei, mas Jesus sofreu muito mais, por amor a nós, e todo o sofrimento por que passemos será pouco para retribuir tão grande amor. Tornai-vos dignos do Pai que tendes no Alto, trabalhai para Ele e sereis recompensados, como ninguém senão Ele vos poderá recompensar. Se me for permitido por Deus, continuarei ao vosso lado e vos ajudarei, mesmo de onde estiver, da maneira que me for possível, assim como tem feito aquele que foi meu filho. Sinto ter que deixar-vos e sinto-me contente por tornar a ver a Jefte, mas estou satisfeito, de todas as formas, porque essa é a vontade de Deus. Meu único desejo, meus filhos, é que façais todo o possível e empregueis todo o esforço para o bem da causa, que é a causa de todos nós. E Deus, que sempre esteve conosco e sempre estará, vos ajudará e Jesus vos acompanhará.

Terminou então de falar. Os seus olhos estavam pregados aos pés da cama; olhamos também: Jefte ali estava, como sempre o mesmo Jefte e talvez agora mais belo, pelo esplendor da graça divina. Vimo-lo chegar bem perto de seu pai e depois foi desaparecendo aos poucos; o pai de Jefte inclinou a cabeça para o lado e constatamos que o seu espírito tinha partido.

Não choramos, agradecemos a Deus, porque sabíamos que o pai de Jefe estava bem. No dia seguinte, fizemos uma cova, onde foi colocado o seu corpo para o descanso eterno, mas não nos sentíamos tristes; sabíamos que ele estava ao nosso lado.

À noite, quando todos nos reunimos e o grande orador falou, disse de como é bom os homens trabalharem para Deus e, mesmo que sofram, tudo que possam aguentar será muito pouco, ou mesmo nada, em paga do que recebem de Deus. Devemos viver assim como mandam os mandamentos do Senhor; ser bons e tolerantes para com o próximo e amá-lo, não esquecendo de que as nossas faltas podem ser maiores do que aquelas que vemos em nossos irmãos; devemos, finalmente, fazer tudo por eles, assim como fazem por nós, ou mesmo que não façam, mas sempre por amor a Deus, porque Deus nos retribui de maneira muito maior e muito além do nosso trabalho, que nada é.

JEZIEL E MIRA

Partimos para Jerusalém, após longa estada no deserto, onde muito aprendemos e, pela graça de Deus, pudemos levar a outros os nossos conhecimentos, pois muitos que ali se encontravam não tiveram a graça de ver a Jesus, mas, assim mesmo, tinham o benefício tão grande de poder conhecê-Lo, não material, mas espiritualmente, porque nós todos sentíamos Jesus em nosso meio.

Deus foi de uma infinita bondade para comigo, sem que eu merecesse. Possuí, primeiramente, Jefe; quando este se foi, restou-me o pai, que também partiu, mas Deus não me abandonou, concedendo-me uma amizade que estava à altura das outras: jeziel era companheiro e amigo - sincero, leal, bom coração, não me abandonou e fez questão que continuássemos juntos. Por essa ocasião, eu já estava quase com a sua idade.

Em Jerusalém, facilmente conseguimos nos alojar e então acompanhamos bem de perto os movimentos do Sinédrio e dos princípios da Sinagoga contra os cristãos, que já eram em número incontável. Fomo-nos alojar em casa de uma senhora, de nome Gened, que nos tratou muito bem e nos deu um ótimo alojamento. Essa senhora possuía apenas uma única filha, de nome Mira. Possuía essa jovem rapariga, senão alguma instrução, um grande amor a Jesus, de quem aprendera o pouco que sabia, mas que, se fosse bem analisado, era muito. Vinha sempre ter conosco e falávamos horas inteiras sobre Jesus; relembávamos os fatos da Sua tão curta existência entre nós, mas de um proveito infinitamente grande.

Jeziel pretendia fazer pregações públicas, assim como estavam fazendo os apóstolos e os cristãos mais corajosos, porque os outros tinham receio de falar; e o que mais medo lhe dera fora o apedrejamento de que fora alvo o primeiro mártir do cristianismo e um de seus maiores oradores - o jovem Estêvão. Jeziel, porém, não se intimidava e Mira, que era tão forte quanto ele, o encorajava. "Tudo seria pouco por Cristo" - era o lema dos dois.

Nasceu, entre Jeziel e Mira, um grande e profundo amor, maior ainda porque possuíam os dois sentimentos iguais e trabalhavam pelo mesmo ideal: o Cristianismo. Encorajado por Mira, Jeziel foi ter com Pedro, o apóstolo de Cristo. Foi pedir-lhe instruções e mesmo um pouco mais de coragem para que pudesse falar, porque dizia ele: "Não é que eu tema morrer, não; apenas, sentiria muito se a minha pregação fosse falhar, porque não tenho dom para falar tão bem quanto aqueles que o estão fazendo." Mas Pedro, e depois Mira e eu, o encorajamos bastante, porque tínhamos a certeza de que Jesus estaria com ele e a sua empresa haveria de ir adiante e sua palavra seria tão vibrante quando a dos apóstolos.

As primeiras pregações de Jeziel foram para um mínimo de pessoas, que se agruparam, certa noite, junto à casa da senhora Gened: eram alguns habitantes da redondeza. Jeziel, trêmulo, tendo a sua mão entre as de Mira, começou a pregar. Os outros não viram, mas eu vi, vi algo que jamais posso esquecer. Sobre um caixão, Jeziel começou a falar, dominando todos os outros, e a sua voz saiu; os outros não notaram, porém eu notei: não era a voz de Jeziel. Reconheci, perfeitamente, a voz de Jefe, e aquela pregação foi algo inesquecível. Jeziel temia tanto, e foi coroado de êxito o seu empreendimento; as pessoas que o ouviram sentiram-se tão bem e compenetradas da verdade daquelas palavras que começaram a trazer outras e outras nos dias seguintes. E a aglomeração tornava-se sempre maior e Jeziel, quando pela segunda vez e nas seguintes subia ao

caixão, não mais temia, apenas orava, pedindo a Deus que o Ajudasse. E então todos ouviam, ouviam Jeziel, enquanto eu ouvia Jefte.

O CENTURIÃO DE ROMA

Jeziel conseguiu, com a sua palavra vibrante, fervorosa, cheia de espiritualidade e de verdade, arrebanhar um grande número de almas para o Cristianismo, que começava a nascer. Ajudado por Mira, que se tornou sua esposa, Jeziel continuou as suas pregações e sempre fazendo muito para o bem daquelas almas, que necessitavam tanto dos ensinamentos que Jeziel lhes transmitia e que foram ministrados por Jesus. Jefte falava por intermédio de Jeziel; embora ninguém o percebessem eu o percebi logo de início e sentia dentro de mim o calor e o bem que traziam aquelas palavras.

Certa noite, quando eu orava, agradecendo a Deus o que me fora dado e pedindo proteção para o futuro, pedi a Ele, se possível, me concedesse a graça de poder ouvir ou ver, como já tivera antes oportunidade, a Jefte. E não demorou muito que eu sentisse Jefte ali, junto a mim. Agradei a Deus e regozijei-me, senti-me bastante feliz e Jefte então falou:

- Meu caro Ismael, aos sacrifícios que se impõem a todos aqueles que adotarem o Cristianismo não serão em vão. Muitos aproveitarão e tirarão benefícios inúmeros desses sacrifícios e aqueles que se sacrificarem obterão de Deus graças e bens, que jamais poderão agradecer. Por isso, o teu trabalho, Ismael, como do teu companheiro, deve sempre ser constante, embora árduo e mesmo que tenham pela frente obstáculos inúmeros. Ganhareis o céu e tereis Jesus ao vosso lado, porque Ele está ao lado de todos os cristãos. E está longe - mas chegará - meu caro Ismael, o dia em que todos os povos, em que toda a humanidade se unirá, para agradecer a Deus as graças concedidas, sendo Jesus o símbolo de seu agradecimento. Meu caro Ismael, haverá um dia em que todos serão cristãos, agradecendo a Deus e a Jesus a graça de ter-lhes concedido guias como os apóstolos e todos aqueles que fazem o mesmo que eles. Ismael, que tu e o teu companheiro não esmoreçais nunca é o desejo, e crê, não te arrependers. Muitos estão fraquejando, a perseguição torna-se cada dia mais cruel e se intensifica sempre mais; em nenhum lugar podem os cristãos encontrar um abrigo seguro; os perseguidores estão sempre alertas, mas será só com esforço e trabalho que essas perseguições serão vencidas.

Logo após, Jefte deixou-me. Agradei a Deus aquelas palavras, que eram para mim um grande consolo e um grande motivo para não esmorecer e continuar sempre. Mais tarde, transmiti-as a Jeziel e a Mira, que se alegraram comigo.

Jeziel continuava a pregar. Suas pregações eram sempre num meio onde havia apenas boa gente; as reuniões para as pregações eram feitas no porão da casa em que habitávamos, porque já não podiam ser feitas em vias públicas. A perseguição aumentava, cada vez mais, e, se quiséssemos levar adiante o nosso empreendimento, precisávamos trabalhar com cautela. Era bastante que esse empreendimento tivesse o efeito desejado e, com a graça de Deus, grande era o número de pessoas que aderiam ao Cristianismo.

Certo dia, em que Jeziel se encontrava no vestíbulo da casa, em conversa com Mira e comigo, vimos aproximar-se um jovem que, pelas vestimentas, reconhecemos logo ser um soldado romano. Jeziel, ao vê-lo, levantou-se e depois trouxe-o à nossa presença, apresentando-o como um grande amigo seu e de seu pai. Tratava-se de um centurião romano, cujo nome viemos a saber ser Lúcio.

Ficaram os dois longos tempos a rememorar velhos fatos, lembrando os dias em que estiveram juntos, dias que Jeziel passara em Roma, quer estudando, quer a serviço do pai. Após essas alegres recordações, Lúcio disse a Jeziel que vinha da casa de seu pai. Jeziel perguntou como este último ia passando. Lúcio respondeu que estava bem e fora por

seu intermédio que soubera da nossa residência e viera, apesar de que o pai de Jeziel não o desejasse. Disse ainda que desejava falar com Jeziel em particular, mas este respondeu que tanto eu como sua esposa podíamos ouvir. E, então Lúcio falou:

- Soube por teu pai do que estás fazendo. Sei que te tornaste adepto de um revolucionário que apareceu por aqui há algum tempo.

Jeziel replicou:

- Meu caro Lúcio, eu, certamente, não me admiraria de ouvir falar assim de Jesus, a quem chamas revolucionárias, se soubesse que não conhecesse esse homem, mas sei que O conheces; não talvez pessoalmente, talvez não O tenhas visto, não Lhe tenhas falado, mas estou certo de que muito ouviste e já deves saber o que Ele fez e o que Ele ensinou. Creio, meu caro Lúcio, que uma criatura que possua sentimentos nobres, compreenda e saiba encarar os fatos que se apresentam à sua vista, deve reconhecer e seguir o que Lhe ditam esses mesmos sentimentos. Sei que és bom, e disso já tive bastantes provas, de maneira que me admiro de ouvir-te falar assim. Não pode ser um revolucionário aquele que não vem pregar uma guerra, não vem pregar a discórdia, não vem pregar a desunião e não vem pregar o mal. Não acreditas que seja assim? Deves saber, perfeitamente, que Jesus apenas ensinou que somos todos irmãos, devemos estar unidos; veio trazer-nos a Boa Nova de um reino grandioso, de um reino que nós, até então, desconhecíamos; que sabíamos existir, mas não conhecíamos, verdadeiramente, o que era preciso para lá chegar. E Ele nos ensinou com suavidade, bondade, ternura, com tudo que pode haver de bom numa criatura. Ele pregou a união entre todos, para chegar a Deus, nosso Criador e nosso Pai. Crês, então, meu caro Lúcio, que seja esse homem um revolucionário?

Lúcio olhou durante algum tempo para todos nós e, depois de uma breve pausa, respondeu:

- Atualmente, começam a chegar a Roma os rumores que por aqui pairam, através de homens que se dizem cristãos. Vim para investigar e ver de perto o que dizem os daqui que presenciaram tudo. É certo que procurei, primeiramente, os homens da Lei e todos eles, até agora, têm-me falado sempre com rancor desse que defendeis. Ele revolucionou Jerusalém e, mesmo, não podeis prestar tributo, nem mesmo achegar-vos, a uma pessoa que foi condenada à morte, como sendo criminosa. Como muitos vêm aderindo, mesmo em Roma, a esse movimento que nasceu aqui em Jerusalém, se não me engano em um lugar chamado Belém, e assim vai crescendo e começa a se espalhar - se fosse bom certamente todos nós nos sentiríamos satisfeitos e com prazer haveríamos de aderir a ele; compreendeis, pelo que acabo de saber aqui e levarei ao conhecimento do povo da minha terra, que não se pode, não se deve prestar nenhuma atenção àqueles que falam e querem infundir em outros algo que lhes foi crimosamente inculcado por um... como posso dizer senão malfeitor?

Jeziel abaixou a cabeça e, depois, erguendo-a, disse:

- Não, não me admiro de ouvir-te falar assim; certamente, muitos falam como tu, mas tenho confiança em Deus e em Jesus que todos haverão de reconhecer o erro em que estão. Jesus não foi um mistificador. Ele é o Filho de Deus, é o Messias que há tanto nos vinha sendo prometido e que todos ansiosamente esperávamos. E agora que Ele vem, ou antes, depois que Ele veio, todos se levantam contra Ele, como se fosse um réptil asqueroso. Eu poderia falar mais, porém crê-me, Lúcio, acho que já falei bastante e se isso não basta, nada bastará. E um dia hás de reconhecer, hás de ver com os teus próprios olhos, hás de ouvir com os teus próprios ouvidos e então irei perguntar-te a respeito do que agora estamos falando. Não sei quando será esse dia, mas tenho certeza de que chegará.

E Lúcio mais uma vez falou:

- Mudando de assunto, meu caro, é lamentável a situação em que deixaste teu pai. Ele sente muito a tua falta. Durante o tempo em que tenho estado em tua casa, teu pai sempre me tem falado a teu respeito e vejo que é muito infeliz por te haver perdido. Abandona essas tuas ideias, lembra que ainda tens um pai que precisa de ti. Não vim aqui a seu pedido, mas julgo meu dever falar-te. Volta, Jeziel, pelo amor que tens a teu pai e pelo amor que dedicas a esse Jesus, como as chama; ou será que foi ele quem ensinou os filhos a abandonarem os pais?

Jeziel respondeu:

- Eu não abandonei meu pai, foi ele quem me abandonou. E ainda hoje meu pensamento está sempre voltado para ele, não o esqueci e agora e muitas vezes tenho vontade de voltar, mas tenho a certeza de que, novamente, me expulsaria, como da primeira vez.

- Mas, Jeziel, deves compreender - continuou Lúcio - que acima de tudo está teu pai e não é justo que o abandones para ir atrás de um homem que viste tão poucas vezes.

- Lúcio, não sei o que falar, não encontro palavras e, mesmo que dissesse alguma coisa, sei que não me compreenderias. Mas um dia ainda voltarei, no dia em que meu pai me chamar, no dia em que reconhecer a verdade, que só não a vê quem não quer. Neste momento, nós precisamos lembrar, mais do que tudo, que os nossos irmãos precisam muito de nós. Eu já vivi muito tempo com meu pai, ele não pode dizer que fui um mau filho e, se expulsou-me de casa, não é justo que volte, e ainda mais quando o fez apenas porque corri atrás do meu ideal. Jesus poderia muito bem ter ficado ao lado de Sua mãe, que Ele tanto queria; e, no entanto, quando atingiu a maioridade, assim como também já atingi, saiu pelas ruas a pregar o Reino de Deus, que Ele vinha anunciar, ensinando a todos, operando milagres, curando os cegos, parálíticos, enfermos, ressuscitando os mortos. Pelos Seus irmãos sacrificou-Se e por eles foi crucificado; por eles entregou-Se à morte, por eles sofreu todas as torturas, todas as humilhações possíveis, mas não desanimou; não desanimou porque fazia tudo pelo Pai e pelos Seus irmãos. Bem podes imaginar, Lúcio, o quanto me doi ter abandonado meu pai, mesmo porque, o quero muito, mas devemos lembrar que, acima de tudo, está o Pai que está no Alto e que temos os nossos irmãos, a quem devemos amar como a nós mesmos, fazendo tudo para ajudá-los e encaminhá-los no bom caminho. E assim espero que, um dia, meu pai reconheça a verdade, e então voltarei para ele mais contente. E ele se sentirá mais alegre em receber-me, mais do que se nunca me houvesse afastado.

Lúcio ainda uma vez respondeu:

- Jeziel, sabes bem o que estás fazendo. Eu também sei o que estou fazendo e, se aqui vim, foi para aconselhar-te, como amigo que sou; mas, se não queres ouvir-me, pouco importa, apenas é meu desejo que Deus te ajude.

E então não falaram mais no assunto; mais uma vez, ainda, conversaram sobre coisas dos tempos passados e, pouco depois, Lúcio se retirava. Jeziel, voltando, disse-nos:

- Esse é o retrato dos homens de hoje e esses corações de pedra é que devemos amolecer.

Fizemos, então, uma oração, pedindo a Deus que iluminasse esses homens que ainda estavam nas trevas.

JÔNATAS

A luz frouxa do lampião iluminava fracamente o lugar onde nós havíamos agrupado para, mais uma vez, ouvir a palavra de Jeziel. Como sempre, eu me sentia feliz e satisfeito porque ouvia Jefe e sentia o calor das suas palavras, que sempre tanto bem me fizeram. Todos os dias ali nos agrupávamos, a fim de ouvir aquelas palavras arrebatadoras e nos sentíamos, então, transportar ao mundo espiritual, onde não existe a maldade dos homens. Foi nesse dia que Mira, estando junto a mim, me segredou, baixinho, se não conhecia uma certa pessoa, que ali vinha todas as noites e se postava a um canto, que, pelo seu trajar, demonstrava ser um senador e, muitas vezes, mostrava-se extasiado. Olhei para onde ela me apontou, mas respondi, imediatamente, que não o conhecia e nunca o vira antes. Mira então disse-me que todas as noites o via ali e que se mostrava receosa. Eu não havia notado; eram tantos aqueles que acorriam, a fim de ouvir Jeziel, que eu não podia aguardar a fisionomia de todos.

Os dias foram-se sucedendo e, em um deles, Mira veio ter comigo e disse-me que falara com o homem que tanto a intrigara, desde os primeiros dias em que ia ouvir a palavra de Jeziel. Narrou, então, como isso sucedera.

Naquele dia, enquanto Jeziel, após ter terminado as suas palavras, comigo atendia a todos que iam até ele, fazendo perguntas, pedindo conselhos e tantas outras coisas - ela, vendo que o homem ia-se retirando, foi ao seu encontro. Pedindo-lhe perdão por falar-lhe sem conhecê-lo, disse que era esposa do orador e, como sabia ser ele uma alta personagem de Jerusalém, desejava saber qual a sua impressão. Ele respondeu que jamais ouvira palavras que, tão bem quanto aquelas, ensinassem a verdade e o caminho que os homens deviam seguir; disse que nunca tivera oportunidade de falar ao Mestre que aparecera alguns anos em Jerusalém e fora incompreendido pelos seus habitantes, mas agora sentia graça do Mestre, fazendo-o ainda ouvir as Suas palavras, mesmo por intermédio de outrem.

Mira disse, a seguir, que, bem junto dele, notou o que não havia notado durante as reuniões, pela distância em que se encontrava e pela luz insuficiente; o homem possuía todos os traços de Jeziel. E então ela observou que achava estranho e se ele mesmo não havia notado a sua parecença com o esposo, ao que ele respondeu que não era de admirar, porque era o pai de Jeziel. Contou então que certos rumores sobre a atuação do filho chegaram aos seus ouvidos e, quando certo soldado de Roma, amigo de Jeziel, voltando, contou-lhe que houvera visto o amigo e que se encantara com as suas palavras e, verdadeiramente, achava que Jeziel estava no caminho certo e, mesmo que não estivesse, o homem, quando luta por um ideal, sempre o acha sublime e digno de todas as suas atenções e nada o demove das suas ideias.

- Então - continuou a falar o pai de Jeziel - resolvi constatar, por mim mesmo, o que estava acontecendo; se meu filho era digno de meu perdão e se eu devia desculpar; porque julgava que ele tinha sido terrivelmente enganado. E, assim, tenho vindo todas as noites até aqui e depois de ouvi-lo, sinto que quem deve pedir perdão sou eu; tenho vontade de atirar-me aos pés de meu filho e suplicar-lhe que me perdoe e me ajude. Senti uma grande transformação, uma transformação completa, desde que comecei a ouvir meu filho. Creio, agora, sinceramente, que ele está com a verdade, no caminho certo, e quem me dera não ter perdido o tempo que perdi e ter, há muito, iniciado o mesmo caminho; mas, agora, estou disposto a percorrê-lo com maior intensidade e recobrar o tempo perdido. Ainda não falei ao meu filho, porque me julgo indigno de perdão.

Mira, então, respondeu:

- Seu filho, eu tenho certeza, nada tem a perdoar-lhe. Ele o quer muito, sempre fala de ti, tem pedido muito a Jesus que o ilumine e agora vejo que Jesus atendeu às suas preces, Jesus iluminou-o para que compreendesse a verdade. Agora o que toca ao senhor é ir ter com seu filho e tê-lo entre os seus braços, como sempre o teve.

Jônatas, assim se chamava o pai de Jeziel, não pôde responder; com os olhos ainda cheios de lágrimas, beijou a mão de Mira e pediu-lhe que falasse com o esposo, que no dia seguinte ele ali viria e o seu maior desejo era a reconciliação com o filho muito amado.

Quando Mira terminou a sua narração, Jeziel veio ter conosco. Mira contou-lhe o sucedido, Jeziel mostrou-se emocionado e só pôde balbuciar um "Graças a Deus". E, então, disse-nos que ia, imediatamente, à casa de seu pai; que aquele era o momento mais feliz da sua existência. E partiu; estava tão alegre e agradecido ao Senhor, que corria pelas ruas de Jerusalém como se fosse uma criança.

PAI E FILHO

Enquanto eu e Mira ficávamos a acompanhar Jeziel, que desaparecia, indo ao encontro do pai, ela me disse:

- Vai, Ismael, e traze, o mais depressa possível, a notícia, a boa nova da reconciliação entre os dois.

Imediatamente saí e procurei encontrar-me com Jeziel e, não muito longe da residência de seu pai, o encontrei; mostrou-se satisfeito e, ainda com uma alegria contagiante, entramos na suntuosa residência de Jônatas. Logo veio-nos receber um dos criados; Jeziel reconheceu-o, imediatamente - tratava-se de Isaac, um velho servo que criara Jeziel. Isaac mostrou-se muito contente, muito satisfeito, ao ver novamente Jeziel, e, abraçando-o, chorou de alegria. Disse, então, que há muito vinha esperando a sua visita; contou-nos que o velho Jônatas sempre lamentara a partida de Jeziel e nunca se consolara; que ele, Isaac, ao saber que Jeziel estava pregando a Boa-Nova trazia pelo Messias, mostrava-se muito contente, alegrara-se bastante. Disse-nos, ainda, que, há muito, era um adepto fervoroso do Cristo; que a primeira vez em que viu o Mestre era ainda muito moço e esse uma criança.

Foi em certo dia, disse Isaac, que ele e o seu amo foram até o Templo dos doutores buscar um deles, para então começar a ensinar Jeziel, que estava já na idade de aprender. Issac, continuando, contou que, ao chegar ao Templo, os doutores estavam reunidos diante de um menino e mostravam-se extasiados com as suas palavras. Disse, então, Issac que ele e Jônatas aproximaram-se e tiveram oportunidade de ouvir coisas que só podiam ser ditas por uma pessoa de muitos anos de experiência e muito estudo. E aquela criança não poderia saber tanto, porque, mesmo se tivesse estudado durante todo o seu tempo de vida, ainda seria pouco para o que dizia; falava, com firmeza, de um novo Reino e de um Pai boníssimo e grandioso na Sua misericórdia. Disse Isaac, continuando, que ele se sentira encantado e fora conquistado pelas palavras daquele menino - que mais tarde soube chamar-se Jesus e ser filho de um carpinteiro de Nazaré. E, durante os dias seguintes, passou a raciocinar sempre sobre aquele estranho caso; não podia imaginar, não podia conceber que uma criança pudesse falar tão bem e pudesse saber tanto; aquilo era realmente magistral; mas o tempo foi passando e tanto ele como Jônatas, que de quando em quando comentavam o caso do menino no Templo, esqueceram-se completamente de depois não se lembravam mais do que viram. Eis quando surgira, continuou Issac, em Jerusalém, o Cristo, já então homem, e, fazendo uso da Sua Sabedoria inesgotável, auxiliara a todos e operara prodígios, curando aqueles que se encontravam em estado deplorável.

- Soube então dos milagres e muitos me falara de Jesus. Alguns mostravam-se cativados e diziam que, realmente, era o Messias e insistiam comigo para que fosse ter com Ele, para que fosse ouvi-lo; e outros, ainda, diziam tratar-se de um embusteiro e que não valia a pena despreitar as santas leis do Deus de Moisés. E, entre essas duas alternativas, escolhi a primeira e fui ouvir o Mestre, em uma das Suas pregações. Ao primeiro olhar, às primeiras palavras, reconheci n'Ele o Messias Prometido. E, desde então, sempre que me era permitido, saía e ia ter com o Mestre, para ouvir as Suas palavras, que me faziam um grande bem. E, ainda hoje, eu digo que foram aqueles os momentos mais felizes de toda a minha existência! Presenciei, também, vários milagres e não pude nunca deixar de chorar com aqueles que eram beneficiados com a ação santa do Mestre Amado. E há pouco - continuou Issac - soube que, meu caro Jeziel, te havias tornado, também, um

adepto do Cristo e que pregavas as Suas palavras; e, nas noites em que meu amo e teu pai não necessitava de mim, eu ia até tua casa para ouvir-te. Não procurei falar-te, porque muitos eram aqueles que o faziam e o meu tempo era limitado, mas, eram as únicas horas de alegria que realmente eu tinha. Há dias, chegou aqui um de teus velhos amigos, um soldado romano, Lúcio, e tudo contei-lhe, quando perguntou de ti. Soube então que ele foi te ver e que depois falou com teu pai e teu pai te foi ouvir. Sempre foi meu desejo falar a teu pai e dizer-lhe o que eu sentia, o quanto valias e o quanto seria bom para ele ouvir as tuas palavras e seguir os teus ensinamentos, mas, sou um escravo e não tenho o direito de falar; porém, Lúcio o fez e então minha alegria foi completa, quando todos os dias via teu pai sair. Sabia que ia ouvir-te e senti-me muito satisfeito.

Jeziel disse que também se sentia satisfeito, porque o pai havia reconhecido a verdade e o Divino Mestre já era amado por ele, e era essa a sua maior alegria, pois desejava que todos O amassem. Não demorou e logo Lúcio veio ter conosco; Jeziel abraçou-o, efusivamente, e muito lhe agradeceu o favor prestado junto a seu pai. Lúcio, então, respondeu:

- Meu caro Jeziel, embora eu não siga o mesmo caminho que tu, e não seja um cristão, reconheci que bons, dignos, são as tuas ideias. Julguei que um pai não tem o direito de repudiar um filho quando esta luta pelos seus ideais; por isso falei a teu pai e pedi que te fosse ouvir. Ele não queria ceder, custou muito, mas, enfim, foi e creio que está bastante satisfeito: creio, também, que ele vai lutar pelas tuas ideias, meu caro Jeziel.

Jeziel, então, agradeceu a Lúcio e a Isaac. Isaac retirou-se, a fim de avisar Jônatas que o filho o viera ver. Pouco depois, voltava com a notícia de que Jônatas estava pronto para receber Jeziel nos seus aposentos. Jeziel pediu-nos que fôssemos com ele:

- Todos - disse - são uma parte de mim mesmo, e contribuíram para que esta reconciliação se realizasse. Por isso, peço que me acompanhem.

E, assim, fomos até os aposentos de Jônatas. Ali chegado, ouvimos Jônatas dizer apenas: - Filho! - enquanto Jeziel respondia: - Pai! - E então os dois se abraçaram e as suas lágrimas se conjugaram. Pai e filho estavam muito unidos; pai e filho estavam, agora, sob a proteção de Jesus.

E foi quando, novamente, eu senti o perfume embriagador, que surgiu pela primeira vez com Jesus, quando eu e Jetfe estávamos na hospedaria em Betânia. Ergui uma prece ao Criador e agradei a Jesus, Porque Ele estava ali e, certamente, satisfeito, porque aquela era uma grande reconciliação, uma reconciliação para o bem e para que outros pudessem imitar o exemplo.

A NARRAÇÃO DE JÔNATAS

Ainda não estávamos refeitos da emoção causada pelo encontro de Jônatas e Jeziel. Pai e filho ficaram longos momentos abraçados, gozando o prazer e o bem daquela reconciliação. Pouco depois, Jônatas falou que estava satisfeitíssimo por ter novamente o filho entre os braços. Disse que, naquele momento, podia ver claramente e arrepende-se por não se ter livrado da cegueira há mais tempo, como lhe era possível. Contou, então, que, encontrava-se nas ruas dessa mesma cidade, em companhia de um outro senhor, também seu amigo. Disse que conversavam tão animadamente que não notaram a grande aglomeração que se fazia perto deles. Vendo, depois, aquela grande multidão reunida, veio-lhes o desejo de saber o que aconteceu e procuraram chegar até onde estava o alvo das atenções. Viram que ali estava um cortejo fúnebre e uma jovem mãe acompanhava o cadáver do filho; a pobre mãe estava inconsolável.

Foi quando se aproximou um homem de vestes alvas, alvo, de imponência humilde, longos cabelos que lhe tocavam os ombros, uma grande figura. E aquele homem, acompanhado por outros, aproximou-se da mãe e perguntou-lhe por que aquele pranto. Ela mostrou o filho, que jazia inerte na maca em que era conduzido. O homem então disse-lhe: - **“Se tivésseis fé não choraríeis”**. - E, a seguir, alguns aproximaram-se deles e pediram-lhe que, mais uma vez, desse uma prova e ressuscitasse aquele pobre moço, restituindo-o à mãe, inconsolável. O homem ergueu a cabeça, fechou os olhos e durante alguns instantes assim permaneceu. Os outros todos calaram-se. Fez-se um grande silêncio e a expectativa era nervosa. Jônatas disse que não soube o que sentiu naquele instante e quis trocar impressões com o amigo, mas, não teve ânimo para falar. E todos contemplavam o homem.

- Então, após alguns minutos - continuou Jônatas - o homem abaixou novamente a cabeça, abriu os olhos e ordenou ao morto que retornasse à vida. E então o moço levantou-se, abriu os olhos - e todos tinham a sua atenção voltada para o que estava acontecendo - mexeu os ombros e abraçou a mãe que estava ao seu lado. Todos estavam comovidos e, certamente, choravam. A mãe quis agradecer ao homem, mas este não o permitiu, dizendo:

- **“Tem fé e não morrerás Jamais; e não vos admireis com o que acabo de fazer, porque vós todos o poderíeis fazer, se não fôsseis homens de pouca fé. Se tivésseis fé e dissésseis à montanha que se movesse e se atirasse ao mar, veríeis que o que ordenásseis seria cumprido.”**

Jônatas, continuando, disse que sentiu que aquele homem possuía algo de sobrenatural, e pôde depois, quando a multidão se afastou acompanhando-o, falar com o seu amigo. Este contou-lhe que aquele homem era Jesus Cristo, a quem chamavam o Messias Prometido; que muitos se haviam convertido à doutrina que Ele ensinava, maravilhados com os prodígios que Ele operava.

- Mas - continuou Jônatas, contando o que lhe dissera o amigo - estamos certos de que se trata de um endemoninhado, porque somente o diabo pode fazer coisas como Ele faz; mas, infelizmente, a multidão é cega, vê mas não enxerga, e aceita tudo, e se maravilha com o que esse homem, que é tão igual a nós, faz. E agora que esse homem ameaça conquistar a glória, com o seu poder satânico, é que nós devemos movimentar as nossas forças, a fim de que ele não consiga o seu objetivo criminoso. Constatarás pelos teus próprios olhos, oh Jônatas, o que faz esse homem e que as práticas que executa são obras de Satanás. Portanto, não dúvidas, não é verdade?

Jônatas, continuando sua narrativa, disse que fora obrigado a aceitar as conclusões que tirara o amigo do que havia visto e, tratando dos negócios que o levaram à cidade de Naim, não mais se lembrara do acontecido.

- E agora - disse ele, falando para nós - sinto-me agraciado por Deus e por Jesus Cristo, porque é pela Sua graça que, felizmente, encontrei o Caminho da Verdade; e caminharei sempre por esse caminho e espero não ter que me desviar. Conto com todos vós para a caminhada longa que se apresenta diante de nós. Recebi duas graças de Deus: a primeira - eu vi Sua luz; a segunda - encontrei meu filho, que julgava perdido, mas que é mais meu do que nunca.

Sentimo-nos emocionados com aquelas palavras tão sinceras e verdadeiras, saídas de um coração que muito havia sofrido e que, ao compreender e enxergar a luz, que simboliza a verdade pregada por Jesus, estava realmente feliz. Não muito tempo depois, Mira também veio reunir-se a nós. Jônatas agradeceu o que ela fizera e disse que, por mais que procurasse, nunca encontraria uma esposa tão ideal para o seu filho.

Entre todos nós havia um, porém, que ainda não enxergava a luz; tinha-a diante dos olhos, mas não a via: era Lúcio. Nesse instante, quando me lembrei novamente de Lúcio, que estava ao meu lado, e de que não era feliz como nós, ergui uma prece a Deus e implorei-Lhe que o ajudasse e a Jesus que Lhe abrisse os olhos. Senti, então, perfeitamente, a aproximação de algo; ouvi sons melodiosos que se espalharam por todo o aposento, e sempre o mesmo perfume - era Jesus quem estava ali, aureolado pelo esplendor de Sua Glória. Lúcio também O viu; atirou-se aos Seus pés e os banhou com as suas lágrimas. E, então, vi ainda que Jesus, tomando-Lhe o rosto entre as mãos, alisou-Lhe os cabelos e disse:

- "Bem-aventurado és tu, Lúcio, porque tiveste a graça de compreender tão cedo."

E Lúcio, ali aos Seus pés, estava em grande pranto, misto de alegria e tristeza - tristeza porque fora tão duro de coração em não querer aceitar a Verdade, e alegria porque Deus se compadecera dele. Todos olhavam espantados para aquela cena: viam Lúcio chorar desmedidamente e não podiam compreender o porquê daquilo, porque não viam a Jesus.

E, enquanto Lúcio ainda chorava a um canto, expliquei-lhes o que vira e que Jesus havia estado naquele aposento. Todos, numa só voz, exclamaram:

- Graças a Deus!

A PARTIDA DE JEZIEL

Após o comovente momento da conversão de Lúcio e quando ainda a comoção nos embargava a voz, propusemo-nos a difundir a doutrina de Cristo, porque ela traria aos outros, sem dúvida, alguma, os porque ela traria aos outros, sem dúvida alguma, os mesmos benefícios que trouxera a nós. Jônatas pediu ao filho que voltasse a morar ali e ali mesmo fizesse suas pregações. Jeziel respondeu que não se fazia necessário aquilo, pois que ele pretendia partir e anunciar a todos o Reino de Deus, como estavam fazendo os Apóstolos do Cristo, que já eram então numerosos; ele também queria fazer como os outros, batalhar pela Verdade, pois ainda nada houvera feito.

Jônatas concordou e pediu a Mira que ficasse em sua companhia enquanto o esposo estivesse ausente. E Mira, tomando a palavra, respondeu que o seu dever era acompanhar Jeziel e que ela também sentia, dentro de si, um impulso para trabalhar e difundir o Reino que Jesus havia anunciado a todos os povos da Terra, para que pudessem alcançar a felicidade. Jônatas lamentou não poder acompanhá-los, mas o seu pensamento iria com eles e estaria sempre pedindo a Jesus que os protegesse.

Lúcio, refeito da sua emoção, pediu para se retirar; disse antes que em breve partiria, a fim de levar, do Oriente para o Ocidente, a Boa-Nova. Eu senti, então, que a graça de Deus, por intermédio de Seu Filho Muito Amado - Jesus - se introduzia em todos os corações e todos sentíamos que era seu dever amá-Lo.

Momentos depois, eu, Jeziel e Mira deixávamos a suntuosa residência de Jônatas; ele, mais uma vez, abraçou o filho, agradecendo-lhe. Chegados em casa, Jeziel convidou-nos a palestrar a respeito da viagem que pretendia fazer. Eu disse que desejava ir também. Jeziel respondeu que não devia, que o meu lugar era ali mesmo e, na sua ausência, precisaria tomar conta da casa e olhar pelos nossos pobres necessitados, que ali acorriam, diariamente, em busca de qualquer auxílio. Era esse o meu dever. No entanto, eu sentia, também, um grande desejo de partir com Jeziel, pois achava que fizera muito pouco e devia fazer muito mais, porque por Jesus tudo que se fizesse seria nada; mas Jeziel convenceu-me de que devia ficar. Consolei-me com a promessa de que me escreveria, constantemente, constantemente, contando-me tudo a respeito de como os outros iriam acolher a Boa-Nova que ele levaria.

Nós sabíamos quais eram os sofrimentos em que estavam os apóstolos do Cristo. Espalhando-se, dirigiam-se a diversas cidades e por lá iam implantando, no coração daqueles que o desejavam, os ensinamentos que Jesus lhe deixara, mas, poucos eram aqueles que aceitavam os ensinamentos do Apóstolos, que os traziam do Cristo; e quanto necessitavam refugiar-se quando a multidão se rebelava, chamando-os de aproveitadores do povo! Mas Jeziel não temia nada e dizia que aqueles apóstolos é que faziam alguma coisa e este era seu dever também, e não podia temer nada porque Jesus estava com ele, como estava com todos.

Dias depois, numa manhã clara, quando Jerusalém acordava, Jeziel, acompanhado de Mira, partiu. Senti como se ficasse um grande vácuo no meu coração; parecia-me que partiam alguns dos meus órgãos e que eu ficava impossibilitado de fazer qualquer coisa, mas, lembrei-me de que não devia desanimar, que o desânimo é dos fracos e não dos fortes e, então, entreguei-me aos meus labores. Recolhendo-me, diariamente, em oração, procurava lembrar-me de tudo que se passara comigo e de tudo que sentia por Jesus, de tudo que aprendera com Ele. Assim, na ausência de Jeziel, podia falar àqueles que

costumavam ouvi-lo. Foram-se passando os dias e eu empregava o máximo do meu esforço para fazer o que me era possível.

Visitando Jônatas, certa vez, soube que recebera uma carta de Lúcio, na qual comunicava que se achava prisioneiro. Quando chegara a Roma, começara a falar do que vira e de tudo que sabia; tomaram-no por desmemoriado e então foi aprisionado; era do seu calabouço que enviava a carta a Jônatas. Jônatas disse-me que iria partir para Roma e ver o que faria por Lúcio. Era bastante relacionado e poderia conseguir, com os seus amigos, a liberdade do amigo.

Encheu-me de tristeza aquela notícia. Pregando, ou antes, não era uma pregação que eu fazia, mas apenas uma conversa... naquela noite, àqueles que se encontravam junto a mim, narrei toda a história de Lúcio - sua conversão e como ele fora julgado pelos homens. E ainda disse:

- Vêde, meus irmãos, que mais uma vez se aplicam as palavras do Mestre: “Não julgueis, se não quiserdes ser julgados.”

NA PRISÃO

Os dias foram passando. Procurei, da melhor forma possível, ajudar os meus irmãos que necessitavam de algo. Recebi duas cartas de Mira e Jeziel, nas quais narravam o trabalho grande e nobre que estavam desempenhando, com sacrifício e abnegação. Embora as cartas nada dissessem a respeito desses sacrifícios, os mensageiros que as traziam e haviam estado com eles contavam-me os sofrimentos por que passavam: a incompreensão de quase todos os homens, sua cegueira e surdez. O remédio ia ao seu encontro e eles não o queriam aceitar. Jeziel e Mira não desanimaram, porém, sempre iam para a frente, enfrentando tudo, porque Deus estava com eles, Jesus Cristo os acompanhava - e não temiam nada. Cada fracasso era motivo para que mais se intensificasse o seu fervor e dedicação, para conseguir um grande triunfo.

Certo dia, quando fui em visita a Jônatas, logo que soube de sua chegada de Roma, contou-me o que sucedera a Lúcio. Assim que chegara a Roma, Lúcio começara dizendo das maravilhas que havia presenciado e de como o seu coração se abrira, assim como seus olhos e ouvidos, para uma verdade que penetrara por ele e continuava dentro de si. Os outros não o compreendiam, e não custou muito que dissessem que havia perdido a memória; foi levado, então, a um hospital; ali deveria ser tratado com todo o cuidado, mas, não permaneceu no hospital, não tinha nada, estava completamente bom e muitos constataram que sua memória estava perfeita. Lúcio não desanimou, continuou a falar, sempre mais, porém a maldade dos homens logo se fez sentir e, certo dia, foi levado a um cárcere. Dali, ele gritava, a toda voz, e pedia a todos que o empreendessem, que procurassem compreendê-lo, porque a Verdade viera de Deus, o Pai mandara a Verdade para os Seus filhos! Mas aqueles homens não queriam compreender, persistiam no seu afastamento, na sua cegueira. Lúcio, no cárcere, já não sentia mais vontade de alimentar-se; contou o carcereiro que ele passava muitas e muitas horas numa prostração indefinida e parecia articular palavras, que não eram ouvidas. Algumas vezes, parecia falar com alguém; parecia que estava muito longe dali e horas inteiras passava dormindo, sem que ninguém o acordasse. E, assim, foram passando longos dias, dias terríveis, dizia o carcereiro, para aquele homem que era Lúcio; mas, ainda dizia o carcereiro, ele não demonstrava nenhum sofrimento, parecia até muito feliz. Já não falava, a não ser com as próprias paredes.

- Numa manhã - contou o carcereiro - acordei e enquanto lavava o rosto, não muito longe de onde se encontrava Lúcio, pareceu-me ouvi-lo falar. Entrei e vi que seus lábios se moviam e as palavras saíam, mais uma vez, apenas para as paredes. Ele estava deitado, com a cabeça um pouco erguida, tão fraco que já não podia continuar de pé; e durante longas horas falou sempre. Foi quando, já cansado de ver aquele homem falando sozinho, sentei-me em uma cadeira e pus-me a ler qualquer coisa. Noite, então, que ele fazia um grande esforço para levantar-se. Ouvi os ruídos e voltei-me. Vi que havia um homem, naquela prisão, com ele; meus olhos abriram-se, completamente, pregaram-se naquela visão e eu fiquei ali, vendo que Lúcio se aproximara bastante do homem e depois, aos poucos, como que desfalecera, caindo ao chão. O homem desapareceu. Não sei ainda quanto tempo fiquei com o olhar parado, fixo, naquele lugar; quando dei por mim, foi que entrei no calabouço e constatei que Lúcio estava morto.

Jônatas, continuando, disse-me que pedira ao carcereiro que lhe fizesse uma descrição do homem que vira junto de Lúcio. Pela descrição, reconhecia tratar-se de Jeziel.

- Não pode ser - repliquei eu - Jeziel está tão longe e está vivo. Ou será que Jeziel morreu?

Senti uma tristeza apoderar-se de mim. Não, não podia crer que Jeziel houvesse morrido, mas longo lembrei-me - talvez Jeziel estivera em Roma e fora visitar Lúcio. Mas também não era possível; o carcereiro não lhe abria a porta, não o vira entrar. Senti, então, que precisava chorar, mas estava como que oprimido e não podia, por mais que quisesse, desabafar completamente. Jônatas adiantou que estava pensando o mesmo e que já havia chorado muito, porque não podia haver outra explicação: o seu filho talvez estivesse morto. Depois de nos consolarmos mutuamente, retirei-me e continuei o meu trabalho.

Uma noite, depois de terminada a conversa com aqueles que vinham sempre à nossa casa, quando me retirei para o meu quarto, pedi a Jefe que viesse esclarecer-me. Notei, imediatamente, a sua aproximação, mas não o vi; ouvi apenas a sua voz, que dizia: - Descansa, Ismael, teu amigo está bem, em breve terás notícias!

Dias depois, recebi de um mensageiro uma carta de Jeziel; alegrei-me. Abri e li. Contava-me o que acontecera; dizia que, certo dia, lhe sucedera algo estranho. Certa manhã, quando procurava levantar-se, como fazia sempre, achou que não devia; sentia ainda uma grande sonolência e resolveu dormir um pouco mais. E disse que, depois, parecia que se levantava e caminhava, sem perceber onde pisava, e era levado por algo que nunca havia visto e que o carregava, em grande velocidade. Pouco tempo depois, notou que estava na presença do amigo, de seu grande amigo Lúcio. Contava então, na carta, a longa palestra que tivera com o amigo e como Lúcio se sentia feliz com o sofrimento e agradecia a Deus, pois o sofrimento poderia torná-lo merecedor de alguma graça; sentia não poder fazer alguma coisa pelos seus semelhantes, por amor a Deus, mas tinha confiança no Pai de que haveria um dia em que poderia trabalhar como era seu desejo. Jeziel contava, então, que vira o amigo, muito feliz, seguir com ele no mesmo veículo veloz, e em certo lugar separaram-se. e, mais tarde, Jeziel acordou. Imaginou logo que fosse um sonho, mas parecia tão real que acreditava mesmo que houvesse sido realidade. O amigo ficara, ele não sabia onde, mas em um bom lugar e muito feliz. Pedia-me então que lhe mandasse notícias de Lúcio, se possível.

Li a carta a Jônatas, que chorou de alegria, e escrevemos para Jeziel a notícia que no dia seguinte seguiu. Dias depois, Jônatas teve que partir; resolveu ir ao encontro do filho; abandonava o seu posto e tudo que possuía, ia trabalhar para o Cristo.

Assim, eu fiquei só, sem os meus amigos, sem ninguém; mas não, eu tinha alguém, eu tinha muito - tinha Jesus, Jefe e, acima de tudo, Deus comigo.

Chegou, enfim, o dia em que começou o meu sofrimento, sofrimento que ainda hoje não sei como agradecer a Deus, porque foi ele o meu cálice redentor. Acusaram-me de partidário do Nazareno e de provocador popular; que eu desrespeitava as santas leis de Moisés - que nunca foram compreendidas pelos homens, tendo sido necessária a vinda de Jesus Cristo para explicá-las. Fui levado para uma prisão, um lugar onde tantos outros, como eu, se encontravam: era uma prisão de pedra; no chão havia pedras que nos machucavam os pés e faziam aparecer neles terríveis e dolorosas feridas, passava também por ali um fio de água e tínhamos que estar sempre com os pés molhados pela umidade. Ficávamos de pé enquanto aguentávamos e, quando não, deitávamo-nos mesmo na água e um pouco um sobre o outro, revezando-nos continuamente. Eu entreguei-me todo a Deus e passava o dia, assim como os outros, em oração; e agradecíamos a Deus aquele sofrimento, que nos fazia merecedores das Suas bênçãos e nos aproximaria mais, mesmo que quase nada, do sofrimento de Jesus. Quase todos os dias, eram retirados dali homens que, inevitavelmente, encontravam a morte, a morte que ali estava, à espera de todos nós. E, assim, eu também fui enfraquecendo; a ração diária não podia nos sustentar; os meus pés, sempre gelados, fizeram com que sentisse nas pernas uma dor terrível e dias depois já

não podia movê-las. Enfim, chegara a hora determinada por Deus; pedi aos outros que me deixassem no canto, um pouco, só alguns minutos. Eles se afastaram para os outros cantos e me deixaram só.

Orei. Senti então a música, o perfume que eu tantas vezes sentia, quando Jesus se aproximara de mim, vi uma grande claridade e notei que alguém me esperava e que não estava mais sobre as pedras pontiagudas e não mais sentia a umidade do chão. Caminhava muito para o alto; havia algumas pessoas que me esperavam de braços abertos; a música me acompanhava; sentia um aroma embriagador, cantos sublimes feriam-me os ouvidos, cantos de louvor ao Pai. Vi, então, Jefe - lá estava de braços abertos. Ele recebeu-me, refugiei-me em seus braços, senti bem toda a sua doçura. Vi que outros o acompanhavam; abraçaram-me e deram-me as boas-vindas ao Reino Espiritual.

Jefe disse que tinha uma surpresa para mim. Eu, com os olhos marejados de lágrimas, acompanhei-o. Jamais fora tão feliz! E ele levou-me até um lugar onde pude divisar Jesus como O vira pela primeira vez. Ali estava Ele, com uma ovelhinha, a que eu perdera quando me encontrara com Ele, pela primeira vez. Ele estendia os braços e mostrava-a. Caminhei até lá, chamei a ovelhinha, acariciei-a. E Jesus sentou-se. Coloquei a minha cabeça sobre os Seus joelhos e Ele alisou-me os cabelos. O perfume era embriagador, a música sublime. Chegara, enfim, à Casa do Pai.

FIM – Abaixo apêndice pelo Irmão X >>

APÊNDICE

A CONVERSÃO DE JEFTE

POR IRMÃO X

Em Jerusalém, na época em que o Salvador da Humanidade se encontrava entre os homens, vivia um pequeno pastor de nome Ismael - todo dedicação, todo ternura para com o Criador. Certo dia, chegando ao aprisco, ao contar suas ovelhas...

- Não, não pode ser, falta uma, falta uma... Eu preciso voltar, eu preciso encontrar. Meu amo me chicoteará...

E rapidamente voltou para o campo, procurou por todos os lados e enfim...

- Oh! Oh! Lá está ela! graças a Deus! Lá está ela, saciando a sua sede no regato. Que bom, que bom! Oh! Oh! minha ovelhinha! Querida ovelhinha! Que bom, meu Deus! graças Vos dou, graças Vos dou!

E ele a apertava bem junto ao peito. Ouviu então vozes que se aproximavam; ergueu os olhos, ainda marejados de lágrimas de alegria, e viu que muitos se encontravam ali. Havia, no entanto, um homem que, com um olhar que era todo ternura e suavidade, o fascinou imediatamente. Havia uma doçura inexplicável naquele olhar! Ismael sentia o coração bater fortemente, sentia algo diferente dentro de si. E aquele homem aproximou-se, acariciou-lhe os cabelos e, voltando-se para os que o acompanhavam, disse-lhes:

- “Vêde, vêde, assim é em verdade, e em verdade vos digo, que o pastor se regozija mais quando encontra uma ovelhinha desgarrada do seu rebanho de cem, do que as noventa e nove que estavam salvas.”

Ismael sentia-se diferente: que doçura, que suavidade naquela voz, naquele olhar! E mais tarde, contente, com a ovelhinha ao seu lado, voltou para o aprisco. Ali, à noite, acomodou-se para dormir. Pouco depois, lembrando ainda daquele vulto tão belo, tão encantador, daquelas palavras que o fascinaram, adormeceu. E sonhou, sonhou que se encontrava num campo: era uma seara infinita, ele reconheceu muitos dos trabalhadores, os mesmos que acompanhavam o homem que lhe falara. E aquele homem vinha ao seu encontro.

- “Ismael, Ismael, vês? Esta é a Seara de Meu Pai. Em verdade, em verdade te digo, Ismael, que todo aquele que trabalhar nesta Seara entrará no Seu reino. Ismael, não queres trabalhar nesta Seara? Não queres, Ismael?”

Ismael concordou, radiante. Sim, ele trabalharia, ele trabalharia, dedicaria toda sua vida àquele homem que lhe falara de Deus, daquele Deus que sempre ele havia amado. E, acordado, pôs-se de joelhos e agradeceu ao Senhor.

Durante os dias que se seguiram, Ismael lembrou-se sempre do sonho e do seu primeiro encontro com Aquele Homem, que era Jesus de Nazaré, filho de um humilde carpinteiro, Salvador da Humanidade.

Ismael possuía um único amigo, o filho de seu amo - Jefe. Ismael, órfão e escravo, muito houvera sofrido e apenas quem o estimara fora Jefe, seu amigo muito dedicado. E, quando Jefe voltou de uma viagem de estudos, foi logo ter com Ismael.

- Jefe, Jefe, como estou contente por ver-te!

- Como vais, Ismael?

- Vou muito bem. Sentia tantas saudades de ti! Oh, Jefe!

- Ismael, Ismael, meu querido Ismael! Então, como vão as tuas ovelhas?

- Vão bem.

- Ainda com todo o amor cuidas delas?

- Como eu as amo! Estava ansioso para que voltasses, queria contar-te da alegria que sinto, quero que partilhas dela! Oh, Jefe!

- Não me deixes curioso, conta logo.

- Não ouviste falar de Jesus de Nazaré, o Nazareno? Nunca ouviste falar?

- Sim, sim, eu... tenho uma vaga noção de que ouvi falar em Jesus. É um homem que vem em nome de Deus e diz pregar a Verdade.

- É esse mesmo! Ele falou-me, Jefe. Desde que o vi, estou tão contente! Não te posso explicar com palavras o meu contentamento! Oh! Jefe, Jefe!

- Ismael, o que é isso? Tenho ouvido falar muito nesse homem, mas o que sei é que é um revolucionário, um homem que quer iludir a nossa boa fé. Muitos estão se deixando iludir, é preciso cuidado.

- Não, não, ele é bom! Tenho certeza de que veio para mostrar o Caminho da Salvação e é o Messias Prometido dos Profetas. Se o visses! Parece que há algo que o acompanha - uma grande paz. Parece que nos fala de um modo diferente! Oh! se soubesses como me senti quando o vi... E depois o encontrei junto a um poço. Ele estava pregando, quando me aproximei. Tive a minha cabeça em seus joelhos. Eu o chamei de "Senhor" e ele disse que não o fizesse mais, porque Senhor é só o que está no Alto.

- Posso chamá-lo Mestre?

- **"Sim, porque na verdade agora o sou, mas, se compreenderdes o Pai, também um dia sereis Mestres como eu."**

Perguntei-lhe como devia chamá-lo.

- **"Chama-me "irmão", porque na verdade sou vosso irmão, filho do Pai todo Poderoso que se encontra no Alto. Chama-me irmão, Ismael."**

- E ele falou-me tanto, de coisas tão belas! Que alegria, não posso deixar de chorar! Como era bom estar ao seu lado!

- Basta. O que é isso, Ismael? Como te deixas iludir pelos outros! Então, porque um homem é coberto de elogios, devemos julgar que é enviado de Deus? Porque tem o dom da palavra, conversa, fala de coisas que não podemos acreditar porque não temos provas? Ismael, Ismael, bem se vê que ainda és uma criança e deixas-te iludir por palavras belas. Não, nem tudo é como se apresenta. Eu te digo sinceramente, Ismael, que não deves deixar-te iludir por isso. Não, Ismael, não. Todos nós nos deixamos prender pelo que é belo, mas na realidade, se pudéssemos nos aprofundar no que vemos superficialmente, teríamos tantas desilusões! Ismael, tive um grande amor, amei muito a uma criatura, bela, encantadora, que vivia em Roma. Lá eu a amei. Ismael, como eu a quis! Era tão suave, meiga, delicada! Acreditei tanto nela, Ismael! Mas antes nunca tivesse acreditado; porque lhe disse de todo o amor, prometi trazê-la para cá, falar com meu pai, tinha certeza de que todos ficariam contentes conosco. Mas, se soubesse o que se escondia atrás da doçura e

meiguice que havia naquela mulher... é por isso que digo: não se pode acreditar em qualquer um. Não, não, não!

- Mas, é diferente, é diferente, Jesus é diferente!

- Não nos devemos iludir com qualquer coisa, com palavras belas... não, não. Sei muito bem. sei muito bem o que é sentirmo-nos ligados a uma pessoa, que fascina com palavras e, não sabemos por que, nos fazem bem, mas, na realidade, nos fazem mal. Se tivesse passado pelo que eu passei...

...

- Eu te amo muito, Jefte!

- Eu sei, também te quero assim. Seremos tão felizes quando estiveres bem junto a mim!

- Mas que bom, anseio tanto por isso, tanto! Viver em tua companhia sempre, porque te quero tão bem! Nunca me abandones, nunca me deixes, Jefte! Sinto-me tão feliz contigo, és tudo para mim, Jefte, tudo! Compreendes? Sempre devemos ficar alguns minutos em silêncio, pensando somente em nós, vivendo num lugar diferente, belo...

- Oh! querida, és tudo para mim!

- Tu também, és o que mais quero, o que mais estimo! Nunca me deixes, nunca, Jefte!

E ela parecia querer-me tanto, Ismael, e eu a amava demais! Dizia-me coisas tão belas, encantavam-me tanto..., Mas, Ismael, um dia compreendia toda a verdade. Ela sabia que meu pai era rico, mas, depois, apareceu alguém que tinha mais dinheiro...

- Jefte, não sei como contar-te..., mas, quero viver sempre feliz, entendes?

Compreendo bem a felicidade: é o nosso bem-estar, a satisfação de todos os nossos desejos. Jefte, gostei muito de ti, sabes?

- Gostaste? Não gostas mais? Estás diferente!

- Eu... amo a outro.

- Não, não pode ser...

- É a realidade.

- E tudo que me disseste? Esqueces-te de tudo!

Não acredito, dize que é mentira!

- Não, é a verdade.

- Oh! mas como podes me fazer sofrer assim, como? Tu me iludiste, todas as tuas palavras eram falsas, por que me fazes sofrer assim? Por quê?

- Não chora, não adianta segurar as minhas mãos assim, solta-me!

- Não posso acreditar que seja verdade. Sou teu escravo, te quero muito, não me abandones, não me abandones!

- Deixa de ser tolo, não vês que te tornas baixo diante de mim? Jefte, vai embora, vai.

- És tudo que possuo, tudo!

- Eu te quis, mas agora tenho algo que é melhor, que satisfaz mais aos meus desejos. Jefte, esquece-te de mim.

- E os momentos felizes que passamos juntos:

- Foi tolice tudo, devemos saber viver. Tu, com esse sentimentalismo tolo, jamais ganharás alguma coisa. Agora vai, outro quer falar-me!

- Está bem, eu vou. Adeus.

- Adeus, Jefte, e queira-me bem, ouviu? E aprenda a viver como eu.

- Foi assim. Hoje está casada com outro, não sei se é feliz; mas viste? Ela iludiu-me...

- Mas, Jefte... oh! são tão diferentes, é tão diferente! Jefte, tu serás consolado, Jesus te consolará.

- Bem, esquece-te disso, não quero mais ser iludido por ninguém. Dentro de dois dias vamos para Betânia, pedia a meu pai que me acompanhasses. Vais?

- (Oh! não pode ser! Lá está Jesus, ele está em Betânia!)

E partiram para Betânia, mais tarde. Lá chegando, Ismael procurou Jesus.

Encontrou-o falando à turba; Jefte também estava envolvido pela multidão e, vendo Ismael, perguntou-lhe o que estava fazendo.

- Estou com Jesus. Ele nos enche a alma de felicidade, de paz!

- Vamos embora, já disse que és uma criança e ele um mistificador, um revolucionário! E nunca mais o procures, ouviste? Nunca mais!

Jesus aproximou-se.

- **“Meu irmão, chamaste este jovem de criança, poderás responder-me que idade tens?”**

- Trinta-e-seis anos.

- **“Trinta-e-seis anos... desde que te conheces por Jefte. Mas, quem sabe quantos anos não terás vivido sem te conheceres por Jefte. Em verdade, em verdade te digo: este jovem talvez não seja tão criança como imaginas. Hoje não compreenderás, mas um dia sim, um dia compreenderás, e em verdade, em verdade vos digo que o Pai vos fará compreender.”**

E a turba levou Jesus para muito longe. Jefte sentiu algo diferente dentro de si, havia algo estranho naquele homem, aquele olhar feriu-lhe os sentimentos; havia doçura, meiguice, nas palavras e no olhar tão belo do Mestre! E então, com o coração diferente, sentindo algo grandioso dentro de si, inexplicável, mas que o fazia sofrer e feliz ao mesmo tempo - Jefte, juntamente com Ismael, dirigiu-se para a hospedaria onde se encontravam. Ismael era feliz porque sabia que Jefte já amava a Jesus, começava a compreender a Jesus, que o comovera. E Ismael implorava a Deus que fizesse com que Jefte compreendesse que Jesus era o Filho do Senhor, que vinha em socorro de todos os homens. Ismael sabia que Jefte iria pedir-lhe para tornar a ver a Jesus.

Na hospedaria, Ismael e Jefte, juntos e sós no quarto, não falavam. Compreendiam-se pelo olhar. Ismael sabia que Jefte estava sentindo a alegria, a felicidade de compreender, pelo menos um pouco, a Jesus. Sim, e como era bom aquilo! Como Ismael agradeci a Deus! Chorava, procurando esconder as lágrimas, para que Jefte não as notasse.

- Jefte, quando te encontrares outra vez com Jesus, quando ouvires outra vez suas palavras, de Amor e de Verdade, hás de ser feliz porque encontrarás a paz.

- Esse homem é diferente, há algo de estranho nele que não posso compreender, mas a sua presença me faz tão bem! Seu porte é majestoso, mas tão humilde ao mesmo tempo! Porém, ainda creio que ele é revolucionário, mistificador.

- Não fales assim, Jefte!

- Perdoa-me, Ismael, perdoa-me.

- Jefte, não ouves uma música, não sentes um grande perfume? Vê... uma luz está se formando. O perfume, essa luz... vê! É Jesus! É ele! Que coisa linda, que coisa maravilhosa! Não posso acreditar no que vejo! Jesus!

- Então, além de revolucionário, além de mistificador, ainda usais de práticas estranhas para enganar a todos? Quem sois vós?

- **“Sou teu irmão, Jefte, sou um vosso irmão e somente quero que me compreendais, porque compreenderéis em mim Pai e sereis felizes, muitos felizes!”**

- Oh!

- “Jefte, a árvore precisa ser forte, muito forte, porque Deus, assim como o passarinho que procura o galho mais forte da árvore para construir o seu ninho, também procura o homem que é forte, que tem fé, para se abrigar em seu coração. Quando vem o temporal e a árvore é abatida por um raio, o galho cai e o passarinho é obrigado a procurar uma outra árvore, mais forte, e lá então construirá novamente o ninho. Em verdade, em verdade vos digo, que todos vós sois a Árvore. É preciso que sejais fortes para que o raio, para que a tempestade não vos abata e Deus sempre esteja em vós. Precisais agradecer ao Pai de infinita misericórdia e bondade, ao Pai que apenas quer o vosso bem, meus irmãos, e sereis felizes. Procurai n’Ele o consolo para as vossas aflições porque Ele é o Consolo. E haveis de ser fortes. O raio e nada vos destruirá. Amados irmãos: sendo fortes tereis a felicidade... e tudo conseguireis.”

- Oh!

A visão foi-se desvanecendo aos poucos. O perfume embriagador continuava pairando no ambiente. Jefte caiu de joelhos, o pranto o tomou.

- Ismael, Ismael, que Deus me perdoe! Eu compreendo, compreendo tudo, agora! Quero seguir a Jesus, quero estar sempre perto dele, sempre! Como sou feliz, como sou feliz, eu sou feliz, Ismael!

- Graças Vos dou, meu Deus, graças Vos dou! Jefte, enfim, foi iluminado! Jefte, meu amigo, quanto pedi a Deus por isto!

- Ismael, por que não compreendi há mais tempo? Por quê? Quando há paz, felicidade, quando tudo é bom! Seguirei a Jesus trabalhando para o Pai, porque só Ele me dará consolo.

- Graças Vos dou, meu Deus, graças Vos dou!

Depois dessa graça tão grande de Deus, Jefte tornou-se um trabalhador incansável, tudo fez para que os outros fossem felizes e tivessem a mesma ventura que eles. E Jefte morreu por amor a Jesus, e recebeu o prêmio, o prêmio justo do seu trabalho.

Irmão X